

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

CFCH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas

IP - Instituto de Psicologia

EICOS - Programa de Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social

**De pai para filho:  
Uma reflexão sobre identidade paterna e  
transmissão intergeracional em duas  
diferentes gerações**

**Por Carolina Macedo Teykal**

**Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho**



De pai para filho:  
uma reflexão sobre a identidade paterna e transmissão  
intergeracional em duas diferentes gerações

por Carolina Macedo Teykal

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

Rio de Janeiro

Abril / 2007

XXX Teykal, Carolina Macedo.

De pai para filho: uma reflexão sobre identidade paterna e transmissão intergeracional em duas diferentes gerações / Carolina Macedo Teykal. Rio de Janeiro, 2007.  
7i, 103f.

Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, 2007.

Orientadora: Maria Lúcia Rocha-Coutinho

1. Paternidade. 2. Identidade Paterna. 3. Transmissão Intergeracional. I. Rocha-Coutinho, Maria Lúcia (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de Estudos em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social. III. De pai para filho: uma reflexão sobre identidade paterna e transmissão intergeracional em duas diferentes gerações.

XXXX

Carolina Macedo Teykal

**DE PAI PARA FILHO:**  
uma reflexão sobre identidade paterna e transmissão intergeracional em  
duas diferentes gerações

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Rio de Janeiro, ..... de ..... de 2007.

---

Prof.<sup>a</sup>Dra. Maria Lúcia Rocha-Coutinho  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>o</sup>Dr. Bernardo Jablonski.  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup>Dra. Leila Sanches de Almeida  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais e à minha irmã, que sempre me incentivaram e estiveram ao meu lado dividindo as angústias e as alegrias durante todo meu percurso acadêmico, e que dispensaram muita paciência comigo, especialmente na fase das transcrições das entrevistas e análise dos dados.

Às minhas avós, que rezaram por mim nesses anos, torcendo para que meu trabalho fosse realizado com êxito.

Ao meu noivo, por ter perdido alguns dias de praia e sol dentro de casa me ajudando a transcrever entrevistas e a revisar os textos.

A todos os meus amigos e companheiros de mestrado, que me ajudaram bastante tirando minhas dúvidas, trocando experiências e me agüentando desde o início.

À minha orientadora, que está ao meu lado há mais de 6 anos, acompanhando todo meu desenvolvimento profissional, me incentivando a cada dia e que sempre desperta em mim o interesse pela pesquisa.

## **Resumo**

### **De pai para filho: uma reflexão sobre as mudanças na identidade paterna e a transmissão intergeracional em duas diferentes gerações**

O objetivo deste estudo é buscar melhor entender a paternidade no contexto atual a partir das possíveis mudanças na identidade paterna e na transmissão intergeracional. Para tanto, procuro inicialmente situar algumas transformações sociais que atingiram a família e modificaram o papel e a posição das figuras parentais em seu interior, destacando a importância de movimentos sociais e áreas de estudo, como o Feminismo e os Estudos Feministas, o Movimento Gay e os Estudos de Gays e Lésbicas, o que vem sendo denominado Men's Studies, entre outros, que tiveram importante papel ao pôr em xeque a condição masculina privilegiada na família e na sociedade em geral. Passando por temas como dominação masculina e independência feminina, chegamos ao momento atual, em que se impõe o surgimento de um “novo” homem e, conseqüentemente, de um “novo” pai. A seguir, abordo a questão do sujeito contemporâneo, situando-o no mundo globalizado contemporâneo. Por fim, procuro fazer uma análise da transmissão geracional nos dias de hoje, fazendo uma reflexão acerca de como ocorre essa transmissão, até que ponto ela é possível, como se alterou o sentido desse processo e, ainda, como se pode dar essa transmissão a partir do lugar do pai. Finalmente, realizo uma pesquisa de campo em que são entrevistados pares de pais e filhos (também pais) das camadas médias da cidade do Rio de Janeiro, que tiveram seus filhos nas décadas de 1970 e 2000, respectivamente, com o objetivo de observar possíveis mudanças no conceito de paternidade, oriundas das alterações no comportamento dos homens ao longo do tempo, bem como melhor entender as alterações na transmissão intergeracional, a partir do que esses dois grupos de homens acreditam que pode e deve ou não ser passado de uma geração para a outra. O que se pode perceber é que, apesar da ênfase dada por nossos entrevistados a uma maior participação e envolvimento dos pais nas questões familiares e na criação dos filhos, bem como ao sentimento de amor e companheirismo entre pais e filhos, a grande responsável pela educação e os cuidados diários das crianças continua sendo a mãe, cabendo a eles basicamente preocupar-se com a instrução formal – através da cobrança de bons resultados na escola – e a formação moral dos filhos, ajudar a mãe nas tarefas cotidianas, quando necessário – intervindo, inclusive, quando esta não consegue impor limites –, e propiciar a eles o lazer, dentro e fora de casa.

Palavras-chave: Paternidade, identidade paterna, transmissão intergeracional

## **Abstract**

### **Thinking about contemporary fatherhood: a comparative study of father's identity and intergenerational transmission in two different generations.**

The aim of this study is to better understand contemporary fatherhood from two main different perspectives: possible changes in father's identity and in intergenerational transmission. For such, we first examine some important social movements and new areas of study that affected family configuration and functioning and that altered father's role and position in the family, by questioning male's privileged place in society, in general, and in the family, in particular, such as Feminism and Feminist Studies, Gay and Lesbian Movement and Studies, and Men's Studies. Taking into consideration the questioning of male's domination and female's financial and personal independency, we reflect upon the social demands for a "new" man and, consequently, a "new" father. We also analyse intergenerational transmission nowadays, especially from the father's perspective. Finally, we interview pairs of middle-class father's and sons (which are also fathers) from Rio de Janeiro, Brazil, that had their children in the years of 1970 and 2000, respectively, so as to observe possible changes in the behavior of men and women in society during these last decades. Our results point to the fact that, despite the emphasis they have placed on a greater involvement and participation in family matters and in child care, as well as in love and companionship between fathers and sons, mothers continue to be seen as the great responsible for the education and the daily care for children, and fathers merely help them when necessary – intervening whenever the mother cannot impose limits upon them. Man's duty is mainly limited to be in charge of the good moral formation and formal education of the children – which focuses on charging them good results in school – and to offer nice activities and amusements to them, both inside and outside the house, during weekends, vacations and spare time, in general.

Key-words: Fatherhood, father's identity, intergenerational transmission

## Sumário

Introdução.....	9
1 Fundamentação Teórica.....	15
1.1 Gênero e masculinidade .....	15
1.2 Men's Studies e os Grupos de Homens .....	26
1.3 A Nova Paternidade.....	29
1.4 O Contexto Contemporâneo .....	36
1.5 Família e Transmissão Geracional .....	42
2 Estudo de Campo.....	56
2.1 Objetivos e Metodologia de pesquisa.....	56
2.2 Grupo estudado.....	59
2.3 Procedimento .....	60
3 Análise dos Dados .....	64
A) Significado da paternidade, relacionamento com o pai e com o filho .....	64
a) Significado da Paternidade .....	64
b) Relacionamento com o pai .....	70
c) Relacionamento com o(s) filho(s) .....	76
B) Importância da família e estruturação familiar.....	78
C) Divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres .....	83
D) Transmissão Geracional .....	88
E) Sociedade Contemporânea.....	90
F) Filhos e filhas: preferências, preocupações e estereótipos .....	93
Conclusão .....	97
Referências Bibliográficas.....	100
Anexos .....	104

## **Introdução**

Durante a segunda metade do século XX, alguns movimentos sociais desencadearam importantes rupturas nos padrões sociais da época (ver Foucault, 1982). Dentre eles, pode-se destacar o Movimento Feminista que, ao questionar os modelos vigentes de homem e mulher “naturalmente” aceitos, balançou as estruturas e provocou mudanças, inicialmente nas atitudes e comportamentos femininos e, posteriormente, também nas atitudes e comportamento masculinos. No bojo desses movimentos sociais encontra-se presente um questionamento sobre as relações de poder e hierarquia existentes dentro da família, o que acabou por afetar o processo de transmissão geracional e o lugar privilegiado do pai na família, até então o como único responsável pela tomada das decisões relevantes no lar, tanto em relação à casa e à mulher quanto em relação aos filhos.

Longe de ser algo fixo, imutável, a família vem assumindo diferentes formas ao longo da história, como aponta Lévi-Strauss (1972): conjugal, doméstica, extensa, restrita ou nuclear. Contudo, pode-se dizer que, ao se falar em família, sempre se está referindo a um conjunto de pessoas que mantêm entre si um determinado grau de relação de parentesco, ainda que não necessariamente genético. Os distintos tipos de família correspondem a diferentes contextos históricos e sociais. Assim, ela pode variar dentro de uma mesma época, ou sofrer modificações ao longo do tempo. Atualmente, torna-se difícil definir um modelo de família dominante em nossa sociedade, pois coexistem, simultaneamente, diferentes tipos de família, que vão desde a família nuclear moderna tradicional – composta somente pelo núcleo básico, que inclui pai, mãe e filhos –, àquelas que se originam de casamentos e re-casamentos – muito comuns hoje em dia e que podem assumir as mais variadas formas –, às famílias monoparentais – cada vez mais

freqüentes nas camadas médias e altas – e até outros tipos de família mais recentes, como aquelas compostas por casais homossexuais, entre outras (ver, a esse respeito, Vaitsman, 1994).

Todas essas mudanças por que vem passando as sociedades, de modo geral, e as famílias, em particular, vêm requisitando o surgimento de um “novo homem”. O Movimento Feminista teve papel decisivo neste sentido, ao questionar, entre outras coisas, a separação dos espaços público e privado, que vai se dar na época moderna, ou seja, a idéia de que o lugar da mulher é em “casa”, cuidando do marido, da educação dos filhos, da limpeza do lar, entre outros afazeres domésticos, enquanto que o lugar do homem é na “rua”, no mundo do trabalho, dos negócios e do prazer (a esse respeito, ver Rocha-Coutinho, 1994). O Feminismo, ao por em xeque a dicotomia existente entre estas duas esferas da vida, permitiu que uma nova postura com relação à identidade feminina pudesse ser concebida.

Ao questionar a naturalização dos papéis de gênero, o Movimento Feminista tornou viável a emancipação feminina através de uma redefinição dos antigos papéis. Essa nova ordem, por sua vez, gerou a necessidade de uma re-pactuação da divisão de tarefas entre homens e mulheres, tanto fora quanto dentro de casa. Ao se compreender os gêneros numa perspectiva relacional, isto é, imbricados de tal forma que só podemos entender um em relação ao outro, qualquer mudança de discurso e de comportamento femininos acarreta uma cobrança no sentido de que o seu “outro” também se altere. Assim, quando a mulher e a mãe mudam, o homem e o pai também são levados a mudar, o mesmo acontecendo quando se dá o contrário. Por isso, com a redefinição dos papéis femininos, inclusive a maternidade, assistimos agora a um movimento no sentido de se repensar quais são, ou deviam ser, os papéis masculinos, algo que se reflete também, sem dúvida, numa crescente mobilização em prol de uma redefinição da paternidade. Sendo assim, a idéia de um “novo homem” acaba por estar diretamente ligada, ao nosso ver, à imagem de um “novo” pai, que deveria comportar também agora, entre outras coisas, a demonstração de afeto e carinho,

tendo em vista que esse “novo” homem devia se envolver mais nos assuntos da família e estar mais aberto ao diálogo com os filhos.

Ao se falar sobre o aumento do diálogo entre pais e filhos, não se pode deixar de mencionar a questão da transmissão de saberes, crenças e valores entre as diferentes gerações, algo que sempre existiu, mas não necessariamente da forma como se dá hoje. Antes acreditava-se que as gerações mais velhas representavam toda forma de conhecimento necessário e que era passado, como se diz popularmente, “de pai para filho”. Com a globalização crescente e o desenvolvimento acelerado dos meios de comunicação e informação, a transmissão, que ocorria num processo vertical, isto é, de cima para baixo, hoje, amparada por uma ideologia de igualdade e autonomia, está se tornando cada vez mais ampla e multidirecional, ou seja, pode ir tanto dos mais velhos para os mais novos quanto dos mais novos para os mais velhos (Pais, 1998; Barros, 2003). Com isso, pode-se dizer que agora os mais velhos (avós, pais e, inclusive, professores) também aprendem com os mais jovens algo que constitui uma situação totalmente nova.

Cabe destacar também aqui que, atualmente, a abertura de fronteiras nos planos social, cultural e financeiro, decorrente da globalização econômica e cultural, ao possibilitar uma interligação entre os grupos, através de um fluxo de informações extremamente rápido, acarretou uma série de conseqüências em escala global, inclusive no que se refere a uma redefinição das identidades dentro dessa nova conjuntura (Hall, 2002), como será discutido adiante.

Tudo isso levou a um aumento significativo do número de publicações relativas à paternidade, tanto em matérias de jornais, periódicos, seminários – como, por exemplo, o evento que vem acontecendo anualmente na Maternidade-Escola da UFRJ durante a semana do Dia dos Pais – e revistas científicas, quanto em reportagens, livros, filmes e comerciais de TV. Esse volume maior de informação espelha um aumento do interesse da população pelo assunto. Por isso, acredito que exista um desejo de se entender melhor o que está acontecendo com os homens,

no sentido mais abrangente, e, mais especificamente, no que se refere a uma das dimensões da masculinidade, a paternidade.

Acreditamos que a reivindicação feminina sobre uma participação ativa do homem no espaço privado vem ganhando campo nos mais diversos setores da sociedade e, no que se refere à paternidade, pode ser ilustrada através de várias expressões populares, como “não basta ser pai, tem que participar” ou “pai é aquele que cuida”, entre outras.

Em matéria intitulada “Homem, pai e profissional”, saída em sua coluna “Vida em Família” da Revista Vida do Jornal do Brasil, Maria Tereza Maldonado inicia seu texto da seguinte forma:

Mulher, mãe e profissional: o equilíbrio difícil, porém possível, mesmo que a duras penas. E homem, pai e profissional? O trabalho ocupa a maior fatia do tempo e da energia da maioria dos homens. As mulheres queixam-se da falta de parceria nas tarefas de casa e nos cuidados com os filhos. Há homens que “ajudam”, mas ainda poucos são os que de fato compartilham (p.9).

Ao longo do texto, Maldonado afirma que a função de provedora da mulher se desenvolveu nas últimas décadas e que agora é a vez do homem se aprimorar no que tange aos cuidados com a casa e também com sua prole. Esse pensamento parece refletir bem a cobrança feminina para uma reformulação do comportamento dos homens, já que eles, na maioria das vezes, ocupam um papel secundário no que se refere à responsabilidade para com as crianças, uma vez que a inscrição da maternidade no corpo feminino ainda é um dos pilares que sustenta a idéia de que a mulher é mais capaz do que o homem de cuidar dos filhos (Rocha-Coutinho, 1998a).

Assim, parece que o espaço deixado pela ausência da mulher de classe média de sua casa para entrar no mercado de trabalho, juntamente com uma cobrança social para que os homens

expressem um comportamento diferente, mais participativo, nas relações familiares, vem contribuindo para o surgimento de uma nova concepção do que é ser pai.

Vários estudos destacam o papel da maternidade na vida da mulher e a mudança de foco nas questões referentes à sua vida, tanto pessoal quanto profissional (Rocha-Coutinho, 1998, 2003; Lipovetski, 2000; Jablonski, 1991). Se concebermos que a condição feminina se modificou durante o século passado e que agora estamos diante de uma transformação masculina, uma série de questões podem aí ser levantadas: O que mudou no comportamento dos homens que são pais? Qual o impacto da paternidade na vida dos homens atualmente? Qual o sentido de se tornar pai para eles? Será que aquela velha máxima de que “quem entende de criança é a mãe, homem só atrapalha” ainda é válida? Até que ponto a mulher deixa espaço para que o homem se envolva na relação da mãe com o bebê? O que eles transmitem aos filhos? Tendo em vista que, hoje em dia, nos defrontamos com uma ideologia mais igualitária dentro da família e com uma certa ruptura da hierarquia familiar, quem pode e o que pode transmitir a quem dentro de casa?

Levando-se em conta que, muitas vezes, o discurso antecede a prática, busco investigar neste estudo quais foram as transformações ocorridas na identidade paterna e observar até que ponto elas se apresentam apenas no nível do discurso ou se já se constituíram como uma prática efetiva por parte dos homens que se tornaram pais na última década. Isto porque, a reivindicação para que o comportamento masculino seja mais intenso dentro do lar parece ser uma prática corrente, inclusive entre homens, mas o que acontece de fato quando este homem se torna pai? Será que ele tende a reproduzir o discurso atual, ou acaba por se identificar com características mais tradicionais, como autoridade e distância afetiva?

Com essas questões em mente, entrevistamos três pares de pais e filhos – sendo que os filhos também eram pais – das camadas médias da cidade do Rio de Janeiro. A primeira geração

foi constituída por homens que foram pais na década de 1970 e a segunda, formada por homens que foram pais a partir da década de 2000.

Nosso objetivo foi melhor entender o conceito de paternidade para pares de pais e filhos (que também sejam pais) de duas gerações distintas e observar as possíveis alterações nos significados da identidade paterna ao longo dessas duas gerações, bem como comparar hábitos e costumes da geração dos filhos com aqueles da geração de seus pais. Isto porque a questão da transmissão geracional nos parece importante, especialmente nos tempos atuais de mudanças profundas e aceleradas. É através do encadeamento das sucessivas gerações que podemos perceber mudanças não só nos discursos sociais como também nas práticas e valores que estão por trás delas, impulsionando tais transformações. Além disso, a transmissão intergeracional vem sofrendo uma inversão de sentido, que tem como consequência a multiplicação das formas como ela pode ocorrer. Da mesma maneira, a identidade deixou de ser tomada como única e fixa para se tornar múltipla e flexível. Acredito que a modificação do que se compreendia como identidade acabou por alterar a forma como acontece essa transmissão, pondo em questão quem pode transmitir o que a quem.

Nosso estudo está estruturado em três capítulos. No primeiro, empreendo uma breve análise das relações de gênero e das mudanças no conceito de masculinidade e paternidade, focando em especial, o contexto contemporâneo, focando de forma resumida, a evolução da família e as modificações por que vem passando a transmissão geracional dentro dela.

No segundo capítulo, descrevemos o estudo por nós empreendido com essas duas gerações de pais. A seguir, no capítulo 3, os dados coletados na pesquisa de campo são analisados e discutidos. Finalmente, fazemos uma breve conclusão dos resultados obtidos, procurando relacioná-los à nossa fundamentação teórica.

# **1 Fundamentação Teórica**

## ***1.1 Gênero e masculinidade***

Mulheres e homens têm visões de mundo e, conseqüentemente, interpretações distintas acerca dos fatos. Dufour (2005) denomina Lei da Sexão à diferença irreduzível entre eles, isto é, ao corte originário dos sexos. Com isso, o autor quer dizer que o dimorfismo sexual nos funda, ou seja, nascemos e morremos com um sexo, que pode ser feminino ou masculino. Porém, na espécie humana, além do sexo, existe um outro determinante da sexualidade que é o gênero. A diferença entre esses determinantes pode ser entendida pelo fato de que, enquanto o sexo se refere ao aspecto biológico, o gênero diz respeito ao aspecto cultural. Logo, o estudo do gênero está ligado ao caráter socialmente construído dessa divisão sexual humana, que extrapola a dimensão biológica.

O gênero perpassa todos os domínios humanos, como o científico e o histórico, entre outros. Mas é no cenário sócio-cultural que as diferenças biológicas entre os sexos tomam dimensões maiores ou menores e ganham significados. Tudo o que é falado sobre o masculino e o feminino vem sendo naturalizado ao longo do tempo, o que, muitas vezes, nos leva a crer que sempre tenha sido dessa forma, ou que as diferenças sejam resultado de uma determinação biológica, isto é, sejam da ordem do instinto.

A delimitação das fronteiras sexuais é uma forma de se evitar a indistinção sexual. A diferenciação dos papéis sexuais tem raízes profundas, relacionadas tanto ao meio ambiente quanto às limitações de ordem física, razões insuficientes para se explicar as diferenças de papéis de homens e mulheres nos dias atuais. A partir de características biológicas, foram definidos,

então, modelos de comportamentos desejados e esperados de homens e mulheres, tornando “naturais” suas condutas. Desta forma se estabeleceu as chamadas naturezas feminina e masculina. Segundo Jablonski (1991),

Em cima de diferenças biológicas, a sociedade cria expectativas e sistemas de crenças que dizem quais os comportamentos e atividades apropriadas para homens e mulheres (p. 153).

A mulher passou a ser caracterizada como uma criatura frágil, delicada, sentimental, possuidora de débil constituição moral, imaginação fértil e fugaz. Inserida nessa natureza feminina estaria uma série de virtudes – dentre as quais pode-se destacar a fraqueza, a sensibilidade, a doçura e a submissão – que capacitavam a mulher para criar e cuidar de crianças, idosos e doentes. Com todas essas responsabilidades, as tarefas femininas ficavam restritas a áreas bem próximas de suas casas. Dessa forma, as mulheres eram responsáveis tanto pela conservação e divulgação dos valores familiares, quanto pela manutenção e harmonia do relacionamento privado.

Os homens, ao contrário, sempre foram descritos por sua força, vigor físico e moral, raciocínio, reflexão, sagacidade e prontidão para compreender. Eles detinham livre movimentação, podendo percorrer grandes distâncias, estar expostos ao perigo e sofrer maior desgaste físico, tudo em conformidade com sua estrutura corporal mais vigorosa. O homem passou a ser visto como o provedor da família, pois era capaz de se servir da razão para ganhar o sustento; ademais, ele era, o seu chefe, sua autoridade máxima e senhor do espaço público. Com isso, ele se desenvolveu na vida pública e nas instituições formais, estabelecendo suas regras e valores.

Desta forma, podemos facilmente perceber que a esfera privada, reservada às mulheres, se tornou um dever imposto a elas e o domínio público se tornou o lugar masculino por excelência. Enfim, o homem passou a ser visto como o oposto da mulher. Assim, o argumento da complementaridade das almas foi por muito tempo, e ainda hoje é, evocado como elo de união desse par aparentemente inconciliável.

Com base nesses estereótipos, a única conclusão a que se pode chegar é que a própria natureza marcou a mulher como inferior ao homem e essa inferioridade seria decorrente, em grande parte, da predominância das faculdades afetivas na mulher e das faculdades racionais no homem.

Visando desnaturalizar o que parece evidente, alguns antropólogos afirmam que devemos fazer uma conversão antropológica, o que significa que devemos estranhar o que nos é familiar, perguntando a nós mesmos: Será que isso sempre foi assim? Por que acontece dessa forma e não de outra? A partir do momento que compreendermos que os papéis sócio-sexuais são construídos e não dados naturalmente, podemos pensar em questioná-los e também em reconstruí-los.

Badinter (1993) apresenta dois caminhos para se pensar a dualidade dos sexos. O primeiro deles seria pelo antigo modelo da semelhança, que considerava que mulheres e homens teriam o mesmo aparelho genital, só que o feminino estaria internalizado e o masculino externalizado. De acordo com este pensamento, o sexo do indivíduo era a referência para o lugar que ele deveria ocupar na sociedade, sendo que o sexo masculino estaria no topo dessa hierarquia. O segundo seria pelo modelo da oposição, que admite a diferença biológica entre os sexos, mas toma essa diferença como fundamento para formar os estereótipos feminino e masculino. Tanto em um modelo quanto em outro afirma-se a superioridade masculina, o que serve como justificativa para a dominação dos homens sobre as mulheres. De acordo com Badinter (1993), *“o homem se apresenta sempre como o exemplar mais bem-acabado da humanidade, o absoluto a partir do*

*qual a mulher se situa*” (p. 9). Desta forma, a assimetria entre os sexos se faz no sentido de que aquilo que qualifica e enobrece os homens é exatamente o que desvaloriza as mulheres. Mas, como isso acontece?

Bourdieu (1998), em seu texto “A dominação masculina revisitada”, utiliza o povo cabilas como fonte de investigação dos mecanismos de dominação masculinos naquela cultura e que podem ser também identificados na sociedade ocidental. Ele argumenta que o meio utilizado para a socialização dos meninos é uma maneira de se reforçar e perpetuar a ordem das coisas de acordo com a divisão sexual. Segundo Bourdieu (1998),

O trabalho de socialização tende a realizar uma somatização progressiva das relações de dominação de gênero por uma dupla operação: primeiro, a construção sociossimbólica da visão do sexo biológico, que serve ela própria de fundamento a todas as visões míticas do mundo; e, segundo, a insinuação de um héxis corporal que constitui uma autêntica política corporificada (p.19).

Welzer-Lang (2001) acrescenta que o “paradigma naturalista” ampara-se na suposta natureza superior dos homens e na visão heterossexuada do mundo. Por isso, a educação dos meninos é rígida no sentido de evitar todo aspecto que possa ser associado ao universo feminino, o que pode ser observado na fase em que os meninos formam um grupinho e proíbem estritamente a entrada das meninas. Os meninos mais velhos têm o encargo de transmitir aos mais novos o que eles aprenderam sobre como ser um “homem de verdade”. Desta forma, eles aprendem a se diferenciar das mulheres e dos não-homens, como os homossexuais e os homens que apresentam características afeminadas. A dominação masculina, assim, legitima-se através de um discurso biológico, que, por sua vez, é produzido socialmente para então sofrer um processo de

naturalização. Ou seja, os esquemas de percepção do mundo, que nos parecem tão objetivos, são, em verdade, princípios subjetivos, socialmente construídos, através dos quais as pessoas interpretam o mundo.

A dominação masculina foi naturalizada de tal forma que parece inscrita na realidade das coisas. Assim, nós a reproduzimos em pequenos atos cotidianos sem nos darmos conta disso, o que a torna praticamente invisível a um olhar desatento. Desse modo, a ordem masculina submete a ela própria as estruturas sociais – divisão do trabalho, organização do tempo e do espaço, entre outras coisas – e estruturas cognitivas – a percepção, o pensamento, a linguagem, entre outras. Ela está presente tanto no universo macro, constituindo instituições e agências, quanto em coisas, palavras e corpos, que compõem o microcosmo. Esta ordem, profundamente arraigada, é encarada como universal e evidente demais para precisar ser justificada.

Mas, o mundo masculino não reserva apenas vantagens. Tornar-se homem comporta uma dimensão de auto-vigilância constante. De acordo com Welzer-Lang (2001), “*O masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo*” (p. 464).

Para Bourdieu (1998), somente uma revolução simbólica seria capaz de modificar nossas “categorias de percepção”, isto é, apenas um trabalho de ressignificação das diferenças corpóreas poderia conter a manutenção dessa orientação masculina heterossexual que nos guia. Em contrapartida, Welzer-Lang (2001) aponta que uma mudança lenta e gradual já pode ser percebida nos dias de hoje:

Em parte a dominação (masculina) perdura, mas preferencialmente ela se pulveriza e perde sua acuidade opressiva. Ao mesmo tempo, o gênero masculino se modifica, integra outros conteúdos, outros valores (p. 471).

Partindo da premissa de que “O homem não nasce homem, torna-se um homem”, Badinter (1993) afirma que o homem se faz a partir de um processo de oposição, que começa ainda no embrião, estende-se durante a infância e a adolescência e vai até a fase adulta.

A masculinidade, contudo, pode ser vista como um desvio do caminho natural durante o desenvolvimento embrionário. Com isso quero dizer que, ao estudarmos o desenvolvimento do embrião, percebemos que se não fosse pela produção da testosterona – principal hormônio masculino –, estimulada pelo cromossomo Y, aquele feto seria uma fêmea, isto é, se não houvesse nenhuma interferência externa, o embrião continuaria normalmente seu percurso e se tornaria uma mulher. Os estudiosos do desenvolvimento humano sabem que não é possível formar um feto apenas com cromossomos Y; por outro lado, é sabido que a mulher carrega em sua constituição genética um par de cromossomos X. Assim, a diferenciação sexual ocorre em função do cromossomo Y.

Esse aspecto biológico é importante para o desenvolvimento da identidade sexual dos indivíduos – o que é inegável –, mas o olhar dos pais, parentes e pessoas próximas e, posteriormente, dos membros dos diferentes grupos dos quais eles farão parte, também exerce uma função preponderante na formação dessa identidade. A forma como os pais interiorizaram os estereótipos feminino e masculino, a relevância desse fator na sua cultura e ainda o modo como idealizaram o filho, entre outras coisas, fazem com que as figuras parentais passem para a criança – através da maneira de vestir, das brincadeiras e dos brinquedos, do tom de voz e da comunicação gestual – sua visão de mundo e a forma como vêem sua organização.

O processo de diferenciação do masculino começa com o afastamento do menino de sua mãe e prossegue com a sua identificação com um outro modelo que não o feminino. Acredita-se que um homem torna-se homem quando consegue realizar três passos: separar-se da mãe, diferenciar-se radicalmente de tudo que remeta à esfera feminina e, por último, provar sua

heterossexualidade. Após o nascimento, mãe e bebê formam entre si uma simbiose, que vai se desfazendo progressivamente à medida que a criança desenvolve seu aparelho motor e psíquico. Então, a primeira etapa do processo de separação da mãe é concluída quando o homenzinho consegue romper essa relação de passividade. Ao mesmo tempo, a atenção da mãe pela criança vai perdendo a intensidade inicial à medida que outros aspectos, como, por exemplo, os compromissos profissionais e sociais, interferem na rotina doméstica que se instaura logo após o nascimento de um filho.

Na segunda etapa, depois de se libertar da mãe, o menino teme as mulheres e reage com medo a tudo que o aproxime do feminino e à possibilidade de ser confundido com uma menina. Meninos e meninas se separam e formam seus respectivos grupinhos, que ficaram eternizados em quadrinhos e em histórias infantis, como as do clube do Bolinha e da Luluzinha. Nessa fase, é comum ver brincadeiras masculinas que exalam virilidade, como, por exemplo, matar pequenos animais, tratar de assuntos obscenos, entre outros. Esse *dirty play* dos meninos é uma forma de se afirmar socialmente, através de demonstrações de crueldade, competitividade e sexualidade, e ainda rejeitar o universo materno.

Essas demonstrações de virilidade continuam na adolescência, de forma a provar a orientação heterossexual e os valores a ela atrelados, como a força física, a violência, a competitividade e a superação de obstáculos. Os esportes coletivos apresentam-se como uma maneira socialmente aceitável de mostrar essa condição masculina; por isso, sua prática é fortemente estimulada nos meninos. Assim, o time de futebol e a galera do jiu jitsu representam um rito de iniciação no espaço masculino, similar a um ritual de passagem, ainda que hoje essas provas tenham se tornado cada vez mais raras, embora possam ser percebidas nos agressivos trotes a que são submetidos os novos estudantes universitários do sexo masculino, por exemplo. Isso tudo serve para que o menino aprenda que um homem de verdade deve ser capaz de suportar

as mais penosas dores sem demonstrar sofrimento algum, a não ser a raiva e a vontade de ganhar.

Nessa fase, também aparece a figura do mentor, que é aquele homem mais velho, um professor ou amigo, que serve de modelo de conduta para o jovem homem. É ele quem vai mostrar o “caminho das pedras” para seu aprendiz, ensinando que atitudes podem e devem ser tomadas por um homem, como se portar socialmente, quais os valores a serem seguidos e os ideais a serem alcançados.

Desta forma, chegamos à constatação de que a virilidade masculina não é dada naturalmente, mas sim produzida e reproduzida socialmente, mantida a duras penas através do adestramento dos homens. Nolasco (1995), ao longo de seu livro *O Mito da Masculinidade*, defende a idéia de que o homem aprende a dissociar sua atitude e seu comportamento do que pensa e sente:

os homens reproduzem os valores de um modelo social que os tutela e controla seus desejos. Tal controle é mantido pela simplificação a que fica remetida a subjetividade, bem como por meio de uma possível compreensão biológica de sua existência (p.18).

Além disso, quando o homem chega à fase adulta existe uma expectativa social de que ele seja bem-sucedido profissional e financeiramente, que se case e constitua uma família. A preocupação com a aceitação social por parte de seus pares, familiares e amigos, faz com que suas necessidades subjetivas sejam deixadas de lado em prol do trabalho. E, neste imaginário social que ronda o masculino, o afeto fica excluído e, conseqüentemente, é desvalorizado. Atualmente, podemos dizer que os homens estão questionando essa condição masculina e tentando integrar o que fazem a seus próprios sentimentos.

Segundo Kimmel (em Badinter, 1993), a “invisibilidade” do gênero masculino se explica pelo fato de que os privilégios não seriam percebidos pelas pessoas. Associando esta posição à constatação de Badinter (1993) de que os grandes questionamentos normalmente são suscitados pelas mulheres, podemos concluir que os homens não problematizam a conformação aos modelos sociais, pois não se sentem prejudicados por ela. Então, o que teria acontecido para gerar essa suposta crise da masculinidade?

No momento atual, assistimos a uma perda dos paradigmas que serviam de referência identitária, ou seja, os modelos rígidos e fixos, que guiavam o sujeito cartesiano e estabeleciam claramente os lugares delimitados para homem, mulher, pai, mãe e filhos, entre outros, parecem ter desaparecido. Enfim, o homem não sabe mais como se definir. A proliferação de discursos que hoje são rapidamente transportados por todo mundo, com o advento da globalização e a velocidade com que se configuram e se deslocam os múltiplos modelos de identidade existentes, faz com que a identidade individual fique aberta às várias possibilidades de identificação apresentadas constantemente aos sujeitos, tornando impermanente e efêmera a maneira como eles se relacionam com o mundo (Hall, 2002).

Por isso, Nolasco (1995) inscreve a chamada crise da masculinidade numa crise de maior abrangência, que seria a crise do individualismo. A crise do individualismo atingiria tanto homens quanto mulheres, que a vivenciam sob a forma de crise de identidade. O autor, assim como Badinter (1993), pontua dois momentos de crise da masculinidade. O primeiro deles teria ocorrido entre os séculos XVII e XVIII, devido ao posicionamento crítico de algumas mulheres da classe dominante em relação às condições privilegiadas que os homens possuíam. Os valores viris perderam então sua força diante de valores femininos como a delicadeza das palavras e o requinte do comportamento. Porém, esse foi um movimento da elite, que ocorreu em países como a França e a Inglaterra, onde as mulheres possuíam mais estudo e maior liberdade social.

No século XIX, advém o segundo momento dessa crise. Fatores como a crise econômica, aliada ao crescimento dos movimentos de emancipação feminina, formaram a conjuntura social desse momento. As alterações produzidas na época se estenderam por todas as classes sociais e, segundo Nolasco (1995), representavam uma

necessidade de mudança dos valores dominantes e são posteriores às transformações ideológicas, econômicas e sociais. Têm repercussão na organização familiar, do trabalho ou em ambas (p.21).

A I Guerra Mundial acabou por acalmar essa efervescência social.

De qualquer forma, o Movimento Feminino começou a se fortalecer e não parou mais. Lentamente, as mulheres, em especial as das camadas médias e altas, foram conquistando espaço no mundo público, o que certamente deixou suas marcas na sociedade. A mulher mudou e o homem não conseguiu mais ver sua virilidade refletida nos olhos dessa nova mulher. Além disso, a feminização da cultura causou angústia nos homens, que começaram a temer o rompimento das fronteiras sexuais.

Badinter (1993) descreve três tipos masculinos que despontaram na história do homem ocidental: o homem duro, o homem mole e, finalmente, o homem reconciliado, aquele que Nolasco (1995) denomina “novo homem”. O homem duro é o símbolo da virilidade, o caubói solitário, que não experimenta emoções. O homem mole, por outro lado, é o seu oposto: ele é partidário da igualdade entre os sexos em todos os domínios, abdicando de seus privilégios em nome de uma ideologia igualitária. Segundo Badinter (1993), “*O homem duro, de feminidade reprimida, cedeu lugar ao homem mole, de masculinidade ignorada*” (p. 147). E, por último, o homem reconciliado é aquele que conjuga sensibilidade e firmeza, que se torna homem sem atacar

ou omitir seu componente feminino. Ele exprime suas fragilidades e fraquezas, mas não renega sua masculinidade.

Como o próprio significado da palavra nos lembra, reconciliar é unir duas partes – a herança materna e a paterna – e não se livrar de uma delas. Para Badinter (1993), esse novo homem surge a partir de uma “revolução paterna” que *“clama por uma mudança radical nas mentalidades e uma profunda transformação nas condições da vida privada e profissional, que não podem se realizar em dez anos”* (p.166).

Porém, esse novo homem se projeta com base no modelo antigo. Segundo Nolasco (1995),

O dilema vivido hoje pelos homens é decorrente do modo como foram socializados, pois aprenderam desde cedo a desvalorizar e a não ouvir o que sentem, respondendo prontamente a todo e qualquer apelo que possa colocá-los em evidência (p.40).

Assim, parece que não temos saída: uma geração de homens ensina aos mais novos como se tornar homem e, nesta reprodução incessante do modelo masculino, não haveria possibilidade de transformação. Todavia, se considerarmos que a masculinidade é ensinada e produzida pelo discurso social de forma mais ampla, chegaremos à conclusão que ela pode sim ser transformada. A nova masculinidade vai surgir no momento em que o pai se re-inserir neste processo de fabricação do masculino. Os pais ausentes, como os de outrora, causam maior dificuldade para o filho se diferenciar da mãe e este se entrega à socialização através de um ‘mentor’. Assim, o filho não tem um modelo de pai cuidador, o que perpetua esse ciclo vicioso.

Acredito que a resignificação do homem e, conseqüentemente, do pai, o que ainda deve levar várias gerações para se impor, vai tornar as diferenças entre homens e mulheres cada vez mais sutis, ao admitir nas mulheres atitudes mais viris e ao permitir que os homens tenham também atitudes mais femininas. A revolução parental só será possível através de relações mais

igualitárias entre o casal, refletindo uma masculinidade mais aberta e menos caricaturada. Porém, esta reinvenção de homens e mulheres deve abranger um novo olhar sobre eles, uma nova interpretação do que seja masculinidade e feminilidade, e não simplesmente uma inversão de papéis, posto que esta inversão poderia levar ao risco de se frustrar homens e mulheres e/ou de se cair numa indefinição sexual.

Badinter (1993) defende a possibilidade da androginia, no sentido do indivíduo poder se exprimir, ora de forma feminina, ora de forma masculina, sem que, com isto, se torne um ser assexuado ou bissexuado. O caminho para a androginia, contudo, só poderia ser alcançado depois que ele adquirir e compreender plenamente sua identidade sexual. Isto porque, segundo a autora, *“O andrógino humano é um ser sexuado, distinto do outro, que só pode integrar a alteridade quando encontrou a si mesmo”* (Badinter, 1993, p. 170). Assim, nele, a dualidade constituinte do ser humano estaria integrada e não confundida.

## ***1.2 Men’s Studies e os Grupos de Homens***

Conforme assinalamos no tópico anterior, a dominação masculina se exerce tanto na esfera privada quanto na pública, atribuindo-se, de forma natural, condições privilegiadas aos homens tanto no campo material e cultural quanto no simbólico. Como Badinter (1993) assinala, a partir do surgimento dos chamados *Men’s Studies*, *“A masculinidade não é uma essência, mas uma ideologia que tende a justificar a dominação masculina”* (p. 27).

*Men’s studies* é um movimento de homens que veio questionar a idéia de uma masculinidade única, além de contestar o papel atribuído à biologia como determinante para a diferenciação sexual. Para os estudiosos envolvidos nesta área *“não existe um modelo masculino universal, válido para todos os tempos e lugares”* (Welzwe-Lang, 2001, p. 27). Margaret Mead

(em Badinter, 1993) foi quem primeiro chamou a atenção para a multiplicidade de fatores que constitui a masculinidade. Para esta autora, o meio social, o período histórico, a raça e, ainda, a idade do homem são aspectos que fazem a condição masculina variar. Isto se daria porque nem todos os homens detêm o mesmo poder e, conseqüentemente, os mesmos privilégios, o que significa dizer que todos têm privilégios em relação às mulheres, mas, dentro do grande grupo formado por homens de diferentes etnias, preferências sexuais e classes econômicas, existem homens que possuem privilégios sobre outros homens. A partir desta dinâmica de poder constituinte das relações de gênero, surge um conceito importante, a idéia de masculinidade hegemônica, que estaria restrita ao homem branco, heterossexual, dominante e bem sucedido profissional e financeiramente.

A formação de grupos ou redes de homens possibilitou a eles construir suas vidas fora da “falocracia”, abrindo caminho em meio à crise da masculinidade para se pensar novas alternativas de ser homem na contemporaneidade. Welzer-Lang (2001) indica que essas redes de homens acompanham as mudanças que estão acontecendo e percebem a inadequação do discurso social construído para o masculino quando confrontado com as exigências femininas. Nolasco (1995) aponta que, dentre os temas abordados pelos grupos de homens, estão a construção de vínculos com os filhos e a dinâmica paterna.

Os grupos de homens foram fortemente influenciados pelos movimentos Feminista e Gay, que tiveram papel fundamental ao colocar em questão o modelo masculino heterossexual. O Feminismo é uma referência tanto para os grupos de homens, que começam a refletir sobre as reivindicações das mulheres, quanto para as minorias que são discriminadas por essa dominação masculina, como é o caso dos negros e homossexuais.

Na década de 1960, o movimento Feminista desestabilizou as oposições internalizadas pela sociedade, misturando os pontos de referência estáveis, numa tentativa de pôr fim à distinção entre

os papéis de homens e mulheres e de questionar a limitação da entrada das mulheres em domínios antes reservados exclusivamente aos homens. Nolasco (1995), ao estudar os ecos dos movimentos de contracultura dos anos de 1960, chama a atenção para a postura masculina e destaca que, na década seguinte, os homens começaram a questionar sua identidade: “*o movimento hippie foi uma tentativa de reparação do modelo social e de identidade para os sexos*” (p.23). Para este autor, os hippies apresentavam sinais de uma ‘mistura confusional’ dos papéis e das identidades de homens e mulheres. Assim, os anos de 1970 teriam sido o início de um movimento que se esforçava para romper com a inércia masculina diante das crescentes conquistas femininas nos mais diversos campos.

A mídia foi um importante meio de divulgação desses movimentos sociais, colaborando para levantar questões sobre o comportamento masculino, que possibilitaram a aceitação social para que os homens participassem de atividades femininas.

Porém, foi somente nos anos de 1990 que esse questionamento ganhou fôlego. Dois acontecimentos marcantes para os estudos de gênero ocorreram: a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento no Cairo e a Conferência Mundial sobre a Mulher em Beijing (Unbehau, 2001). Depois desses encontros, os estudos de gênero tiveram seu olhar voltado para uma questão até então imperceptível: a masculinidade. Os trabalhos referentes à condição feminina reinavam absolutos nesse campo de estudos, até que alguns estudiosos passaram a alertar para o que ficou conhecido como crise da masculinidade e, a partir daí, a condição masculina se tornou objeto de pesquisa.

Por fim, tornou-se cada vez mais intenso o apelo social que exige dos homens um comportamento distinto do padrão de virilidade formatado para o macho latino. Como assinala Nolasco (1995),

O estereótipo do macho exclui estas diferentes dinâmicas subjetivas, fazendo crer ao indivíduo que um homem se faz sob sucessivos absolutos: nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar. É a este último modelo que os homens estão procurando renunciar (p.40).

### ***1.3 A Nova Paternidade***

O incremento da sociedade industrial e uma nova organização do trabalho se estabeleceram e alteraram o cenário social. O pai, ao assumir o papel de provedor oficial, teve seu tempo de convívio familiar reduzido, o que parece ter sido fundamental para a formação da imagem do pai burguês moderno distante e ausente, sempre preocupado com o mundo público, externo à família. Tal movimento acarretou mudanças nos valores vigentes na época. Se, por um lado, houve uma desvalorização da força física e da honra masculina, por outro, o sucesso profissional e o ganho de dinheiro despontaram como ideais a serem alcançados.

No entanto, a crise econômica, decorrente da queda da Bolsa de Nova Iorque em 1929, gerou uma legião de homens desempregados e dividiu o pai em duas categorias: de um lado, o pai distante e, de outro, o pai desempregado, desmoralizado e frustrado por não ter como cumprir seu papel de provedor do sustento familiar. Ao mesmo tempo, começaram a pipocar propagandas sobre a mulher das classes mais abastadas com uma carreira profissional bem sucedida.

Atualmente, a mudança no comportamento dos homens é estimulada não só pela ausência feminina do lar como também pelo comportamento do próprio pai. Se pensarmos que o pai, ao

manter sua função de provedor e protetor da família, reforça o estereótipo masculino do pai como um herói distante e temido, então o novo pai , segundo Nolasco (1995),

está sendo construído sobre a ausência e o silêncio deixados por uma geração de homens que, superficialmente, são identificados como pessoas que não se interessam em, afetivamente, estarem ligados a seus filhos (Nolasco, 1995, p. 149).

Nolasco (1995) argumenta que o impacto da paternidade no homem aparece quando ele pensa na sua relação com o próprio pai. Assim, quando o pai foi uma figura ausente e distante, ao receber a notícia de que vai ter um filho, como será que esse homem reage? Será que ele vai fazer o oposto do que seu pai fez ou vai seguir seu próprio modelo?

O autor constata que o homem muitas vezes recebe a paternidade como uma obrigação, em que tem que demonstrar sua competência material e moral, camuflando a explosão de emoções contraditórias que sente em relação ao filho – que remete às lembranças infantis – e em relação à mulher. Perpassados pelo argumento biológico, os homens não se vêem como parte do processo gestacional: “*a ausência de transformações no corpo do homem origina definições vazias e fictícias*” (Nolasco, 1995, p. 155). Sem saber como se situar, ele se posiciona como observador da relação mãe-filho.

Na nova paternidade, esse vínculo de obrigação estabelecido pelo pai com a criança seria substituído por um outro que abarca trocas afetivas, sentimentos de prazer e alegria. Portanto, hoje, na tentativa de obedecer aos apelos sociais, o homem começa a se posicionar perante a gravidez fazendo cursos de casal para aprender sobre os cuidados com o recém-nascido, bem como cursos de apoio à gestante na hora do parto. Isto porque, a partir dos anos de 1980, o parto

deixa de ser um acontecimento puramente físico e incorpora uma dimensão emocional, abrindo espaço para a participação masculina.

Badinter (1993) afirma que a maternagem é uma função aprendida; portanto, não é exclusiva das mulheres, mas, ao contrário, é mais fácil para indivíduos que foram criados por pais maternos. Contudo, para realizar a maternagem, homens e mulheres têm que despertar sua feminilidade original, que começa a ser mobilizada durante a gestação – idéia do casal grávido – e coloca o homem em contato com emoções esquecidas do feminino e distantes da fusão que experimentou com sua mãe.

Badinter (1993) situa o homem em pé de igualdade com a mulher no que se refere à capacidade de desempenhar a maternagem, acrescentando, inclusive, que o pai pode ter com seu bebê uma verdadeira relação de simbiose. Contudo, o fato do homem ser capaz de desempenhá-la, não significa que ele exerça esses cuidados com a criança da mesma forma que a mulher. Pode-se notar diferenças entre os dois em alguns pontos como, por exemplo, na maneira de estimular e brincar com a criança, bem como no comportamento distinto de homens e mulheres com relação aos bebês do sexo feminino e masculino. É o caso, por exemplo, do pai que se preocupa com a virilidade do filho homem e tende, então, a dispensar mais tempo com ele. Contudo, já é possível ver pais que, ao se relacionarem com os filhos, expressam seu componente afetivo e, desta maneira, podem melhor ajudá-los a resolver o ‘dilema maternal’, ou seja, a se tornar homem sem ter que se separar do feminino, isto é, de sua mãe.

O novo pai foi retratado por Ehrensaft e Hochschild (em Badinter, 1993) como um homem de formação educacional e renda elevadas, pertencente às classes média e alta da sociedade, e que se afirma em ruptura com o modelo masculino tradicional. Suas companheiras também são geralmente profissionais que não estão dispostas a abrir mão da carreira para se tornarem mães 24 horas por dia. O novo pai, então, seria aquele que repara sua infância, não-

reproduzindo com seu filho o mesmo comportamento de seu pai de distância e pouco envolvimento afetivo. Assim, ele se dispõe a participar das atividades de cuidado e educação dos filhos e sente-se satisfeito com essa nova condição.

Hennigen e Guareschi (2002), em seu artigo sobre os discursos midiáticos produzidos para e sobre os pais, concluem que a participação paterna é uma forma de tornar as relações entre os casais mais igualitárias. Porém, ainda é comum aparecer nos comerciais a dicotomia entre o pai tradicional – aquele que não participa do cuidado com os filhos e que, ao tentar se envolver, aparece como um trapalhão – e o novo pai, que reflete a imagem do novo homem, mais participativo e envolvido com as questões familiares.

Costa (2002) afirma que a paternidade é fundamental para um certo tipo de masculinidade: a dos homens casados. Quando um homem se torna pai, ele abarca duas dimensões de sua identidade: a parte física, que seria fazer o filho, e a parte moral, que seria sustentá-lo e educá-lo. Costa (2002) afirma que

Sustentar os filhos é uma responsabilidade considerada masculina, o que coloca o trabalho remunerado dos homens como referência fundamental nas concepções sobre paternidade e masculinidade. Assim, se ‘fazer filhos’ pode servir para comprovar o atributo físico da paternidade, conseguir sustentá-los e educá-los comprova seu atributo moral (p. 341).

Não comprovar que é capaz de ter filhos, ou seja, mostrar-se um homem estéril, ainda está intrinsecamente ligado à idéia de impotência masculina, o que vai de encontro à virilidade do homem. Portanto, ter um filho continua a ser uma demonstração de virilidade para os homens.

Uma das conclusões a que Costa (2002) chega é a de que a paternidade não está para a masculinidade da mesma forma que a maternidade está para a feminilidade, pois é como se estivesse na essência das mulheres se tornar mães. Isto é, as mulheres sonhariam desde pequenas em crescer e se tornar mães, enquanto que, para os homens, a experiência da paternidade seria vista como um projeto, algo pontual ao longo de sua trajetória de vida.

Outra importante conclusão assinalada pela autora diz respeito à reclamação dos homens acerca de que eles, de certa forma, estão abrindo espaço em sua masculinidade para a entrada de aspectos femininos, porém não conseguem ainda desvincular da masculinidade a função de principal provedor da família.

Um estudo feito por Unbehaun (2001) aponta como fatores que influenciam a construção social da paternidade a relação com os pais e, posteriormente, com a própria família, as condições sociais e econômicas, e a relação com seus pares. A autora acrescenta que a desvalorização financeira do trabalho remunerado masculino se tornou uma ameaça ao lugar de provedor ocupado pelos pais. Será que podemos pensar, então, que a crise econômica, aliada às demandas de mulheres e filhos são pontos cruciais para o sentimento de frustração masculina que paira atualmente no ar? Afinal, será que eles teriam passado a ser simplesmente reprodutores? A noção de novo homem, atrelada à imagem do novo pai, se esforça por desvincular a figura masculina do caráter exclusivamente econômico, mas gera o risco de reduzir o pai ao papel de reprodutor se este não assumir novas responsabilidades dentro do seio familiar.

Gomes e Resende (2004) apontam que a cultura patriarcal teve como um de seus efeitos distanciar o homem da cena familiar, composta basicamente pela mãe e seus filhos. Mas a entrada da mulher no mercado de trabalho vem quebrar a hierarquia doméstica e iniciar indagações referentes à autoridade paterna. A dependência financeira da mulher em relação ao marido e o medo da discriminação social, acarretada por uma separação, foram, sem dúvida,

razões importantes para a manutenção de inúmeros matrimônios no passado. Por isso, o trabalho remunerado feminino foi um momento de virada nessa dinâmica do poder conjugal, já que, através da independência econômica da mulher, novos arranjos se tornaram possíveis no âmbito familiar. No entanto, os autores alertam que “ *a mudança de hábitos não acompanha o ritmo da transformação dos valores*”(p. 120) e, por isso, vemos que as identidades, não apenas a masculina mas também a feminina, transitam entre modelos tradicionais e modernos sem que um necessariamente exclua o outro.

Acreditamos que muitos homens hoje já demonstram o desejo de superar a imagem do pai distante e autoritário, que fez parte da infância de muitos deles, e vislumbram um modelo de pai idealizado, aberto a trocas afetivas com os filhos. É possível que essa disponibilidade interna seja encontrada em homens, que, mesmo não tendo tido um exemplo de pai cuidador em suas vidas, se mostraram interessados em seguir esse novo caminho, colocando-se aptos ao diálogo com os filhos. Esse contato mais próximo entre pais e filhos, contudo, pode ser prejudicado em famílias cuja mãe faz o papel de interlocutora da relação pai-filho, sendo ela, muitas vezes, não um elemento facilitador, mas sim um obstáculo para a aproximação entre eles.

A respeito da influência das mudanças nos campos médico e jurídico nas relações de gênero e parentesco atuais, Fonseca (2004), aponta que, ao contrário do que se esperava, o teste de DNA não trouxe certeza e tranquilidade, mas, ao contrário, fomentou dúvidas no imaginário masculino. Acredito, assim, que a descoberta da identidade do pai biológico parece não implicar numa prática afetiva e econômica de cuidado e provimento da criança, porque a tentativa de biologizar as relações familiares deixa de lado o caráter social dessa vivência. A “adoção à brasileira” é um exemplo disso. Muitos homens que sabem que não são o pai biológico da criança vão ao cartório e a registram como filho/a, o que demonstra a relevância do laço afetivo que este homem mantém com a mãe e a criança.

Carvalho (2003), em pesquisa sobre a participação do pai no momento do parto, chama a atenção para o fato de que a paternidade está fortemente associada ao relacionamento do homem com a mulher. Segundo a autora, uma das motivações para a participação masculina no parto é o desejo de proteger a mulher, o que revela nos homens a capacidade de oferecer apoio emocional e desmistifica a visão do homem como ser insensível. Além disso, a autora apontou outras motivações para isso, como o interesse no nascimento do filho, o sentimento de vínculo com o bebê e até o sofrimento feminino. Todavia, a participação masculina no parto é bem restrita, pois, além do medo dos pais, da vergonha que muitas mulheres sentem, e de questões relacionadas ao trabalho – como sair mais cedo para acompanhar o parto –, a desqualificação do vínculo pai-bebê, em conjunto com o despreparo e o preconceito da equipe médica, são obstáculos que intimidam a efetiva participação masculina.

A pesquisa de Carvalho (2003) reforça uma idéia recente que diz respeito ao ‘casal grávido’, idéia esta que comporta a participação masculina na gestação, estando, assim, não apenas a mulher grávida como também o homem, ao dar suporte emocional à mulher.

Enfim, o compartilhamento de atividades dentro de casa entre os pais pode se dar de duas maneiras: os dois fazerem as mesmas tarefas ou dividirem as tarefas. O primeiro modelo, além de pouco observado na prática, poderia levar tanto a uma confusão do que cabe a cada um quanto situar a criança como ponto central da vida do casal, o que não seria bom para ninguém. A criança que recebe investimento exagerado dos pais pode se tornar egocêntrica e mimada, enquanto que os pais podem por em risco seus interesses pessoais e conjugais ao se dedicar inteiramente ao filho. Já o segundo modelo refletiria a influência do discurso feminista que afirma que “não basta ser pai, tem que participar”. Mãe e pai, então, participam de tarefas que podem ser realizadas pelos dois e dividem as tarefas que são de responsabilidade de um e de outro. Esse é um modelo viável e que desafia o padrão dominante em nossa sociedade.

Todavia, a mulher nem sempre está disposta a compartilhar, pois, apesar de todas as críticas, a antiga idéia de que haveria um instinto materno, ainda fortemente presente em nossa sociedade – mesmo que, muitas vezes, de forma ambígua –, poria um trunfo na mão da mulher, o fato de que, como consequência deste instinto, ela deteria o conhecimento e a capacidade para melhor cuidar dos filhos, e isso lhe forneceria poder dentro da dinâmica familiar. A idéia do instinto materno reforça a relação simbiótica entre mãe e filho, ao mesmo tempo que exclui o pai. Então, quando a mulher se despe desse mito, pode aceitar mais facilmente a partilha de responsabilidades em relação à criança com o pai, desde que este também seja capaz de se comunicar com sua feminilidade.

Enfim, se temos de pensar em termos de masculinidades, devemos imaginar que a paternidade advém dessas diferentes condições masculinas e, portanto, não é indivisível e única. Sugiro, então, que pensemos em identidades paternas, já que não acredito que haja apenas uma forma de ser pai atualmente, mas sim formas múltiplas que se interpolam e se movimentam de acordo com as situações experimentadas.

#### ***1.4 O Contexto Contemporâneo***

Acreditamos, desta forma, ser importante aqui abordar a questão da influência do contexto histórico-cultural como formador da identidade pessoal e também como definidor dos papéis sociais, para melhor podermos entender nosso problema de pesquisa.

Para alguns autores, como aponta Hall (2002), o contexto atual é considerado como modernidade tardia devido a uma série de modificações sofridas em relação ao período moderno, como, por exemplo, a desburocratização das relações que afetam tanto o âmbito do trabalho como a vida familiar. Contudo, para autores como Dufour (2005), ao contrário, o período atual

seria classificado como pós-modernidade, pois a ruptura com a época moderna comporta uma drástica alteração nas relações, tanto das pessoas entre si quanto de suas visões de mundo, o que, segundo o autor, acarreta uma “mutação antropológica”. Neste trabalho, não pretendo me estender em relação a esta polêmica e, portanto, vou me referir ao período atual como contemporaneidade.

Para falar do sujeito contemporâneo temos que pensar o contexto no qual ele vive. Por esse motivo, é importante refletir sobre a globalização, já que este processo está reestruturando o mundo em que vivemos, não apenas no âmbito econômico – como podemos pensar num primeiro instante – mas também nas esferas política, tecnológica e cultural. Estou falando aqui de processo porque acredito que a globalização se encontra em andamento e, como afirma Giddens (2003), *“Para o bem ou para o mal, estamos sendo impelidos rumo a uma ordem global que ninguém compreende plenamente, mas cujos efeitos se fazem sentir sobre todos nós”* (p.17).

De acordo com Giddens (2003), a globalização foi influenciada, no fim da década de 1960, pelo desenvolvimento dos sistemas de comunicação, como a comunicação via satélite. Para este autor,

A comunicação eletrônica instantânea não é apenas um meio pelo qual notícias ou informações são transmitidas mais rapidamente. Sua existência altera a própria estrutura de nossas vidas, quer sejamos ricos ou pobres (Giddens, 2003, p.22).

Seguindo a mesma lógica, a globalização não afeta apenas os Estados-nação, mas também pequenas localidades. E, ainda, ela afeta tanto o que está fora do indivíduo – como os investimentos financeiros e a localização de empresas transnacionais – quanto o que está dentro do indivíduo, modificando suas concepções pessoais. O autor aponta, inclusive, que *“Sistemas tradicionais de família estão começando a ser transformados, ou estão sob tensão,*

*especialmente à medida que as mulheres reivindicam maior igualdade”* (Giddens, 2003, p.22).

Este fato foi por nós trabalhado no tópico anterior.

Contudo, a globalização não apareceu do nada; ao contrário, como Giddens (2003) indica, uma série de fatores teriam possibilitado a emergência dessa ordem global, entre os quais pode-se mencionar: a abertura econômica dos países que, através de decisões governamentais, visava liberalizar e desregulamentar as economias nacionais e que acabou por diminuir a eficácia das próprias políticas nacionais; o sistema financeiro global; o avanço da ciência e da tecnologia; a difusão cultural. Enfim, esses fatores, entre outros, contribuíram para a escalada de um modelo que Giddens (2003) denomina de “sociedade cosmopolita global”.

Então, a globalização retira poder tanto de comunidades locais quanto de grandes nações e repassa essa influência política e econômica para a arena global. Mas o desenvolvimento da globalização não acontece por igual, do mesmo modo que não são benéficas todas as suas conseqüências. A dinâmica global cria zonas econômicas e culturais entre as nações ou dentro de uma mesma nação. Deste modo, uma das conseqüências da globalização é a destruição de culturas locais e a ampliação de desigualdades mundiais, piorando a situação dos mais pobres, que ficam cada vez mais pobres. Vemos surgir, como tentativas de responder a esse movimento globalizante, nacionalismos locais à medida que a força dos grandes Estados enfraquece.

Outra conseqüência é a acentuada ocidentalização, ou melhor, americanização dos modos de vida. Os EUA despontaram como a única superpotência econômica, cultural e militar após a queda do comunismo. Mas nem por isso podemos pensar que esse processo é comandado pelos EUA. A globalização está cada vez mais descentralizada, ou seja, não se submete ao controle de nenhuma nação específica e seus efeitos são sentidos em todos os lugares do mundo. Para Giddens (2003), essa ordem é conduzida de forma aleatória e compõe-se de uma mistura de influências.

Mesmo com tudo isso, Giddens (2003) alerta que “*Continuamos a falar da nação, da família, do trabalho, da tradição, da natureza, como se todos continuassem iguais ao que foram no passado*” (p.28). É lógico que os indivíduos não continuam iguais, uma vez que cada uma dessas esferas de suas vidas foi afetada por essa nova ordem global. Todavia, as comunidades conseguem resistir tentando conciliar formas tradicionais e modernas, o que faz com que as transformações em cada uma dessas instâncias sociais não se dê na mesma forma e na mesma velocidade.

Assim, para tratar da identidade do sujeito contemporâneo, optei por trabalhar com a idéia de Hall (2002) de que a identidade atual, em decorrência dessas transformações sociais e culturais, é uma “celebração móvel”, isto é, o sujeito não possui uma identidade única e rígida, como acontecia com o sujeito cartesiano, em que pai, mãe e filhos tinham seus lugares claramente delimitados na sociedade, mas, antes, possui identidades múltiplas e, algumas vezes, contraditórias. Segundo Hall (2002),

as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (p. 7).

Para este autor, houve cinco momentos marcantes de ruptura na noção de identidade. Primeiro, o surgimento do pensamento marxista, que, ao trazer à tona a idéia de que agimos e descobrimos o mundo sozinhos, inscreveu o homem dentro das possibilidades socialmente

disponíveis de acordo com o momento histórico em que se encontra. Em seguida, as noções trazidas por Freud, que, através da postulação da noção de inconsciente, desmontou a lógica racional ao falar do desejo humano. Depois, a teoria lingüística de Saussure, que afirmou que “a língua é um sistema social”, isto é, as palavras carregam múltiplos significados e, assim, ao falarmos, desencadeamos uma série de sentidos que não podemos controlar. O quarto momento refere-se ao poder disciplinar postulado por Foucault, que trouxe a questão da vigilância e da regulação da vida privada nas instituições modernas como, por exemplo, escolas, hospitais e quartéis, entre outras. E, por último, o Movimento Feminista, que pôs em discussão temas antes intocáveis e inquestionáveis, como a família, a sexualidade e a divisão de tarefas e responsabilidades domésticas.

Todas essas mudanças geraram uma proliferação de discursos que hoje são rapidamente transportados por todo mundo com o advento da globalização. A velocidade com que se configuram e se deslocam os múltiplos modelos de identidade existentes faz com que a identidade individual fique sujeita às várias possibilidades de identificação, que se apresentam aos sujeitos constantemente, tornando impermanente e efêmera a maneira como o indivíduo se relaciona com o mundo. Com o alargamento das possibilidades de identificação, a identidade do sujeito torna-se incompleta, inacabada e fragmentada, incorporando formas plurais de identificação muitas vezes contraditórias, que se refletem na fala do sujeito contemporâneo. Nas palavras de Hall (2002),

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos ao mesmo tempo de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses

complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez  
mais comuns no mundo globalizado (p. 88).

Além disso, cabe ressaltar aqui a influência do individualismo, surgido na época moderna, na constituição desse sujeito que se acredita agente de todas as suas ações, e, por isso, atribui a si próprio todo tipo de experiência, dos sucessos aos fracassos. Nesse processo de subordinação das causas coletivas às aspirações individuais, o sujeito tende a enfraquecer os laços sociais.

De acordo com Dufour (2005), esse sujeito é, ao mesmo tempo, auto-referencial e não engendrado, o que significa dizer que ele não faz referência à geração precedente, mas, antes, ele se auto-define e, portanto, não se considera em dívida com a geração precedente. O autor entende que, por serem os sujeitos múltiplos, os indivíduos não conseguem fazer oposição, isto é, se colocar num lugar que faça frente a alguma demanda e dizer “Não, não quero, não gosto”, pelo fato de poderem habitar diversas formas de ser e pensar simultaneamente, embora algumas delas sejam muitas vezes ambíguas. Sendo assim, o diferente para esses sujeitos é visto imediatamente como inferior, o que, para o autor, está associado ao alastramento de casos de depressão pelo mundo afora. Por fim, Dufour (2005) aponta a incoerência desse sujeito ao lembrar a impossibilidade de se ser sujeito sem ter que se sujeitar à sociedade ou a alguma instância maior.

Visto dessa forma, pode-se pensar que não existem mais os antigos valores que constituíam os pilares a orientar os indivíduos sobre suas condutas. Contudo, Pais (1998) esclarece que não estamos diante de uma falta de valores, mas, antes, de uma multiplicidade de valores que estariam no mesmo patamar e, assim, por coexistir uma “diversidade de referências sociais e culturais”, torna-se mais comum a existência de atitudes contraditórias e relativistas sobre o que é aceitável ou não.

Acreditamos, contudo, que essas modificações, tanto da família quanto do sujeito, podem ser melhor observadas a partir do processo de transmissão geracional, que será desenvolvido no tópico a seguir.

### ***1.5 Família e Transmissão Geracional***

Com a descoberta da paternidade, isto é, de que a mulher não era a única responsável pela geração da vida e de que o homem era co-ator nesta produção, emergiu dentro da família a figura do pai como autoridade. Esse fato produziu uma série de conseqüências.

O direito hereditário, que antes se guiava pelo único tipo de filiação conhecido, isto é, a linhagem materna, passou a seguir a linhagem masculina. Esse momento foi marcado historicamente pela submissão de todos os membros da família e de todo patrimônio desta ao pai, o que pode ser visto na origem da palavra família. Nas palavras de Engels (1977),

Famulus quer dizer escravo doméstico e família é o conjunto dos escravos pertencentes a um mesmo homem ... A expressão foi inventada pelos romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe matinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e morte sobre todos eles (p. 61).

Enquanto o pai representava a autoridade dentro da família, sua legitimidade era reconhecida na seqüência geracional. Mas, ao longo do tempo, o pai vem perdendo sua posição hierárquica de autoridade, primeiro para o Estado – o que, no Brasil, contou com a ajuda do movimento higienista do século XIX – e depois para a sociedade, que, amparada por ideologias

individualistas e democráticas que pregam a igualdade entre todos – inclusive entre as diferentes gerações –, passou a questionar todo tipo de autoridade.

Ao estudar o direito de família na França, Lebrun (2004) identificou que o poder jurídico vem aos poucos retirando a autoridade do pai. Isto ocorreu inclusive nas situações em que a autoridade e as atitudes do pai eram totalmente inquestionáveis, quaisquer que fossem elas. Este é o caso, por exemplo, das situações em que o Estado passa a se sentir autorizado a intervir na família sempre que considera que o pai é falho no desempenho de suas atribuições. O mesmo acontece quando a Justiça organiza os abrigos de menores, colocando o Estado como substituto da autoridade paterna. Assim, a supremacia paterna vai aos poucos sendo enfraquecida pelo sistema jurídico.

De acordo com Lebrun (2004), esse processo de perda da autoridade jurídica do pai culmina com a substituição do termo autoridade paterna por autoridade parental e, posteriormente, com o desaparecimento completo do termo autoridade, surgindo, então, a noção de responsabilidade parental. Todo esse movimento faz transparecer uma grande modificação na família: o pai deixa de ser autoridade, na medida em que a co-responsabilidade parental põe fim à relação desigual que organizava as relações entre pai e mãe.

Com o advento da modernidade, novos modelos de comportamento foram definidos para ambos os sexos, tomando por base características biológicas e “naturalizando” as condutas de mulheres e homens, o que ficou popularmente conhecido como “naturezas” feminina e masculina. A cada uma dessas naturezas estaria associado um tipo de comportamento esperado, entendido como atitudes inatas, distintas, próprias e esperadas de determinado sexo. No caso brasileiro, os higienistas no século XIX (Costa, 1989) delimitaram o papel que deveria ser desempenhado por cada um dos membros da família através de um processo de naturalização e discriminação dos papéis sócio-sexuais.

O homem passou a ser caracterizado por sua força física, seu raciocínio e ainda por sua perspicácia em lidar com o universo público; assim, o pai assumiu como função preponderante a manutenção financeira da família, sendo considerado o seu provedor. A mulher, devido a características supostamente naturais, como fraqueza, docilidade, abnegação e sensibilidade, seria perfeita para desempenhar o papel de dona de casa e deveria ter por responsabilidade cuidar de tudo e de todos no que se refere ao espaço privado, como a educação das crianças e o amparo aos mais velhos. Assim, a transmissão de valores e atitudes era feita principalmente por mulheres, ainda que sob efeito da dominação masculina, já que o papel delas se restringia ao de cuidadoras e educadoras.

Para os médicos higienistas brasileiros dessa época, o objetivo final da vida de homens e mulheres era se tornarem pais e mães, sendo o casamento uma via para se alcançar um ideal superior, que era a educação das crianças e jovens. Então, a função primordial da família não era apenas constituir uma prole saudável, mas também educá-la de acordo com os princípios higiênicos, que diziam respeito ao bom caráter moral e ao cuidado com o físico.

Com base na defesa da prole, vieram indiretamente os primeiros ataques dos higienistas aos patriarcas. Estes normalmente eram homens mais idosos e os médicos, ao caracterizarem o velho como fraco, doente, praticamente um ser repugnante, atingiam a figura do pai, reduzindo-o à condição desmoralizada de velho. A redução do poder paterno veio desequilibrando as relações de poder dentro da família, fornecendo argumentos a esposas e filhos contra a autoridade paterna. Assim, o pai foi sendo usurpado de sua posição de autoridade dentro da família e essa responsabilidade foi sendo, aos poucos, passada para o Estado.

Porém, esse modelo de família tradicional mantinha a desigualdade entre homens e mulheres, condição que se tornava insustentável quando entra em cena a discussão sobre igualdade sexual e, conseqüentemente, reformulação da família. As reivindicações dos

movimentos feministas a que nos referimos antes criaram, contudo, a necessidade de uma “re-pactuação” entre homens e mulheres. A partir de então, diversas mudanças puderam ser observadas no seio familiar, entre as quais: a separação entre sexualidade e reprodução, que criou espaço para o movimento de liberação sexual feminino; o fim do casamento como uma unidade econômica para se tornar uma união entre duas pessoas que se gostam; a possibilidade de união informal, que deu ao casamento uma forma mais dinâmica, ao possibilitar vínculos efêmeros e que podem se desfazer sem maiores complicações jurídicas; e, por último, o controle da natalidade e o elevado custo de vida, que diminuíram o número de filhos e que tornaram as crianças – antes vistas como uma vantagem econômica – um encargo pesado para a família.

Nesse movimento de reformulação de valores, crenças e concepções acerca do mundo, a mulher ganhou entrada no espaço público, ainda que a situação feminina não tenha se alterado por completo, como aponta Rocha-Coutinho (1998), em pesquisas por ela realizadas em que analisou o discurso de mulheres cariocas de diferentes gerações. A autora argumenta que “*a identidade feminina não foi substancialmente alterada mas sim ampliada para incluir este novo papel (de profissional competente e interessada) da mulher*” (p.95), e afirma, com base nesses trabalhos, que, apesar das dificuldades em conciliar várias atribuições, as mulheres acreditam que a conciliação de uma atividade profissional com a maternidade é uma tarefa possível de ser realizada e que alcançar o equilíbrio no exercício destas duas atividades é um ideal a ser almejado pelas mulheres. Aqui paro e me pergunto se o homem está disposto a sair do seu lugar privilegiado e enfrentar também esse desgastante desafio de ser profissional e pai, além das outras exigências que se agregam à sua identidade hoje, tais como ser companheiro, amante, amigo, entre outras.

De qualquer forma, Rocha-Coutinho (1998) nos alerta para o fato de que o discurso social continua a pregar que a maternagem – que diz respeito ao cuidado com os filhos – continua a ser

associada à maternidade – que seria a parte física de gerar, parir e amamentar uma criança. Esse discurso, fortemente impregnado na sociedade, persiste no imaginário feminino causando em muitas mulheres um certo desconforto em abandonar os antigos modelos de conduta aprendidos com suas mães e avós e que continuam sendo reforçados. Enfim, a autora conclui que “*a mulher de hoje apenas acumulou funções, mas ainda não dividiu responsabilidades*” (p.116).

Podemos afirmar, assim, que a entrada da mulher de classe média no mercado de trabalho foi importante, pois retirou do sexo masculino o domínio exclusivo no universo público, mas o oposto ainda não acontece, o que significa dizer que não é porque as mulheres saíram de casa para trabalhar que elas ficaram isentas de suas responsabilidades domésticas, mas, ao contrário, foi aí que começou a famosa dupla jornada de trabalho. Tampouco isto significou a entrada dos homens na esfera privada. A mudança, num primeiro momento, parece ter acontecido somente no espaço público, mas não necessariamente no privado.

No entanto, assistimos, a cada dia, novos avanços nesse processo. Szapiro (2004) argumenta que o projeto de construção da mulher como um indivíduo dotado de ideais de liberdade e autonomia, aliado ao questionamento do *pater familias*, possibilitou a entrada do discurso democrático no espaço familiar, o que transformou as relações dentro da família moderna. Para esta autora, estes valores de livre arbítrio e igualdade “*problematizam o modo de funcionamento relacional e hierárquico entre os gêneros*” (p.48). Por isso, a discussão atual não diz respeito a se a mulher pode sair para o mercado de trabalho ou não, mas como será feito o trabalho de casa, reivindicando-se que o homem assuma com ela esse serviço. O homem é, então, chamado a dividir com a mulher o cuidado com a casa e os filhos, e, desta forma, o problema contemporâneo se estabelece agora no âmbito privado.

Todos esses autores concordam que a transformação da família é influenciada por diversos fatores sociais. Por isso ela se apresenta como um palco para o conflito entre o moderno

e o tradicional, e, nesse embate, ocorre simultaneamente a mistura de valores individuais e coletivos.

Em suma, nesse breve percurso sobre o tema pudemos observar a transição de um modelo de família autoritário, que tinha o pai como representante da autoridade familiar e a mãe como transmissora e cuidadora do lar e dos filhos, para um modelo de família moderna, em que os antigos papéis de homens e mulheres, pais e filhos, estão sendo diluídos. Desta maneira, as relações antes estruturadas e definidas sob o poder do patriarca passam a formas cada vez mais flexíveis e desreguladas, já que em certos domínios é possível presenciar jovens que têm, inclusive, um conhecimento ou, pelo menos, um volume maior de informação do que seus pais, o que pode ter como efeito a modificação das bases tradicionais de autoridade. Nessa família democrática, o diálogo entre gerações assume a forma de constantes negociações e os pais se tornam cada vez mais permissivos aos comportamentos dos filhos.

Deste modo, para introduzir aqui a questão da problemática da transmissão geracional, começo com a seguinte pergunta: Afinal, o que é geração? De acordo com Pais (1998), pertencer a uma geração significa *“possuir uma contemporaneidade de idéias, de influências, de saberes, de filiações identitárias, de valores”* (p.27). Baseando-me neste ponto de vista, entendo que não basta somente ter a mesma idade, mas é preciso também compartilhar um conjunto de maneiras de ver o mundo para enquadrar um grupo de pessoas como pertencentes a uma determinada geração.

A transmissão geracional acontece quando uma geração precedente assume o papel de transmitir à sua sucessora seus valores, crenças e modos de agir. E, nesse processo de transmissão, as concepções passadas de uma geração a outra nesta cadeia geracional abrem sempre uma brecha para se acrescentar algumas variações, que seriam marcas próprias de cada geração. Pais (1998) realça essa idéia na seguinte afirmação:

De uma geração a outra há saberes e posições que se herdam e transmitem, garantindo certa continuidade geracional. Mas há lugar para a transformação dos valores sem que estes tenham que estar necessariamente polarizados em torno de gerações distintas (p.30).

Visto dessa forma, as gerações que se seguem nunca são exatamente iguais às anteriores, até porque os indivíduos que compõem uma geração têm em comum sua posição no processo histórico e social devido à experimentação dos mesmos acontecimentos, o que acaba por delimitar suas possibilidades de escolha e, logo, seus modos de atuação.

Segundo Manheim (1982), nossa sociedade apresenta cinco características no modo como ocorre a continuidade geracional: a entrada de novos indivíduos no processo cultural; o desaparecimento de outros indivíduos; o fato dos membros de uma geração estarem limitados a viver num determinado ponto do processo histórico; a transmissão da herança cultural acumulada; a transição das gerações como um processo contínuo.

Os novos indivíduos, ao se depararem com a herança cultural acumulada, acabam por produzir um tipo de assimilação nova, a que Manheim (1982) chama de contato fresco. Assim, ao mesmo tempo que eles reproduzem alguns aspectos da cultura herdada, perdem outros, e, nesse processo, é aberto o caminho para uma “reciclagem” dessa bagagem, que seria o descarte do que não é mais útil e a aprendizagem do novo. Por outro lado, a saída dos antigos indivíduos possibilitaria o esquecimento da memória social. Para este autor, *“É uma vantagem que a experiência se acumule com a idade. Por outro lado, o fato de à juventude faltar experiência só ilumina o lastro dos jovens; isso facilita a sua vida num mundo em mutação”* (Manheim, 1982, p.142).

Contudo, é importante questionarmos, ou seja, olharmos de forma a desnaturalizar os períodos da vida que conhecemos hoje – infância, pré-adolescência, adolescência, jovens adultos, maturidade, velhice, etc, –, posto que nem sempre eles existiram. Esses momentos foram construídos dessa maneira ao longo dos anos, sendo divididos e identificados como fases do ciclo de vida a partir da atribuição dos significados que lhes foram dados. O significado de cada uma dessas fases varia de acordo com a cultura em que se vive. Desta forma, as diferenças naturais de cada momento da vida são compreendidas de forma distinta dependendo da sociedade em questão.

Segundo Barros (2003), a sociedade ocidental contemporânea tem como eixo norteador o individualismo. Sendo assim, para a autora, “*é nesse contexto da cultura individualista e da institucionalidade do curso de vida que as noções de crise de idade e conflitos intergeracionais ganham sentido*” (Barros, 2003, p. 3). Isto ocorre porque a sociedade individualista atual fornece aos indivíduos tanto uma rede de significados como também modelos de ação e pistas para interpretar a realidade. Portanto, este fenômeno social se reflete na família moderna sob a forma de tensão entre os novos valores individuais e os antigos valores hierárquicos.

Acreditamos que a noção de conflito intergeracional se agrava no momento atual devido à rapidez com que estão ocorrendo as mudanças na era global. A partir daí podemos vislumbrar o salto que é dado de uma geração para outra. Uma maneira simples de imaginarmos essa situação é pensarmos nas evoluções tecnológicas dos últimos 5 anos. Nem precisamos ir tão longe, basta pensarmos no número de novos modelos de celular e de eletrodomésticos, entre outros aparatos eletro-eletrônicos, lançados com tecnologia superior no último ano. Além disso, atualmente podemos observar crianças de 5 anos que já têm aula de computação na escola e que nasceram na cultura do celular e da Internet e, portanto, não são como nós que vimos essas ferramentas entrando aos poucos em nossas vidas.

A importância desses conflitos é, ao nosso ver, que eles resultam em constantes negociações e acertos entre as gerações, o que não acontece num caminho de mão única. Como assinala Barros (2003), as interferências nesse tipo de relação intergeracional são mútuas:

Na transmissão de normas e valores de uma geração para outra há trocas com direções contrárias. Nesse processo de socialização, os mais moços respondem ativamente, fazendo com que as mudanças possam acontecer, tanto nas próprias relações familiares como no contexto da sociedade (p. 5).

Hoje vivemos um momento em que, devido ao aumento da expectativa de vida da população, pode-se observar a convivência de três ou até quatro gerações de uma mesma família. Esse fenômeno não pode ser confundido com a antiga família extensa, já que, como visto anteriormente, os mais velhos eram a autoridade maior dentro da casa e todas as gerações abaixo deles deviam respeito. Ao longo do processo de globalização, que traz consigo uma extrema velocidade no trânsito das informações e transformações que estão ocorrendo no núcleo familiar, e sob a influência de uma ideologia democrática e igualitária, a geração mais velha perdeu sua posição hierárquica dentro da família, aumentando-se as trocas intergeracionais.

É nosso ponto de vista que as transformações nas relações entre os sexos podem ser observadas a partir da sucessão das gerações. Em sua pesquisa sobre três diferentes gerações, Attias-Donfut (2004), por exemplo, aponta que a mulher vivenciou uma redefinição das relações intergeracionais muito mais forte do que o homem. A autora percebeu que a geração intermediária de mulheres estaria identificada mais com a geração de seus filhos do que com a de seus pais e o oposto aconteceria com a geração de mulheres mais antiga. Para ela, uma das condições que impulsionou a emancipação feminina foi a quebra no processo identificatório entre mães e filhas. Esta autora defende que a transformação das relações entre as gerações de

mulheres ocorreu a partir do momento em que a relação preferencial se inverteu, deixando de ser a de mãe e filho para passar a ser a de mãe e filha. A este fenômeno estaria associado um maior apoio dado pelas mães às suas filhas para investirem na carreira profissional, muitas vezes se dispondo a cuidar dos netos para que isso se torne possível. Segundo a autora, a mulher, anteriormente, não tinha a mãe como aliada, mas, antes, tinha que combater a resistência não só do marido como também de sua própria mãe e de sua sogra para entrar no mercado de trabalho.

Attias-Donfut (2004) também aponta outra questão muito interessante acerca do momento atual, ao falar que a mulher teve sua função de cuidadora ampliada com o surgimento da “sociedade multigeracional” e a existência do que poderia ser denominado uma “geração pivô”, que ajuda, ao mesmo tempo, as gerações mais velhas e as mais novas. Dentro desse quadro, a autora afirma que ainda hoje os homens atuam duas vezes menos na família do que as mulheres, principalmente quando se trata de questões relacionadas a atividades domésticas e cuidados pessoais de crianças e idosos.

Porém, levanta-se uma questão, que já começa a despontar na contemporaneidade, que seria o fato da geração das novas avós que estão surgindo estarem muito envolvidas com sua vida profissional, além de estarem mergulhadas numa ideologia de individualização e de recusa dos papéis tradicionais. Barros (2003) lembra também que essas mulheres se socializaram em meio aos valores feministas e, portanto, lutam pela igualdade de direitos entre os sexos. Assim, fica a seguinte indagação: Como elas irão envelhecer?

Barros (2003), em trabalho sobre a temática das relações intergeracionais, aponta que as famílias de classe média urbana assistem a mais um rearranjo familiar, pois a geração de avós de hoje já tem interiorizado esse conflito entre valores individuais e hierárquicos. Desta forma, os mais velhos estariam ensinando a seus filhos a enxergar um novo lugar para eles dentro do

contexto familiar, amparados por um recente movimento de ressignificação da velhice, que revela idéias sobre envelhecimento saudável e enfatiza o trabalho em grupos da terceira idade.

Não podemos nos esquecer que cada uma das gerações que coexistem recebeu uma formação moral e uma educação diferentes, sem contar que o contexto social é também diverso. No entanto, a visão de mundo das pessoas sofre alterações ao longo do tempo, como aponta Barros (2003), por dois motivos. De um lado, as pessoas, à medida que o tempo passa, vão ocupando lugares distintos dentro do cenário familiar e, de outro, as pessoas apresentam uma capacidade de mudar sua forma de pensar à medida que vão acompanhando os movimentos culturais que alteram a conformação social, como, por exemplo, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o divórcio, entre outros.

Pais (1998) e Barros (2004) afirmam também que, na contemporaneidade, a juventude aparece como um valor social. Com isso, a velhice torna-se um estigma e passa a ser vista como um declínio da vida produtiva. Desta forma, vemos frequentemente o adiamento dessa fase, pois todos tentam se manter jovens tanto física quanto psiquicamente.

Nesta “cultura jovem”, a geração mais nova se apresenta não só como receptora de uma herança, mas também como transmissora, passando os jovens a ser também “agentes socializadores” das gerações anteriores. Os jovens frequentemente se apresentam como referência para as gerações mais velhas, invertendo muitas vezes o sentido da transmissão geracional. Essa configuração social nova torna a postura dos ascendentes mais permeável e flexível em relação aos mais jovens, o que garante tanto uma continuidade como um lugar para a inovação.

Por outro lado, Pais (1998) levanta uma importante questão ao incluir a crise econômica nesse contexto familiar. Com a crise do *welfare state*, desponta um outro sistema econômico, o liberalismo, que retira de cena a proteção social dos indivíduos dada pelo Estado. Com isso, as doações financeiras, heranças e ajudas intrafamiliares aparecem como importantes mecanismos

para dar conta dessa crise, aquilo a que Pais (1998) denomina *welfare family*, sendo que essas transações patrimoniais podem ocorrer tanto no sentido descendente quanto no sentido ascendente. Por essa razão, o autor acredita que, talvez devido a esse “altruísmo intergeracional”, não sejam vistas grandes rupturas entre uma geração e sua sucessora.

Pais (1998) fala, ainda, de um contrato entre as gerações, que estabelece três princípios norteadores que não teriam sofrido grandes alterações: em primeiro lugar, estaria a reprodução bio-social, que abarca a idéia de que uma geração ajuda a outra a produzir uma terceira geração; em segundo lugar, a transmissão patrimonial de uma geração mais velha para sua descendente; e, por último, a solidariedade na velhice, que estaria ligada ao fato de que a geração mais velha é assistida por seus descendentes. O que muda hoje é que essas relações não teriam um sentido único mas sim múltiplo, isto é, a terceira geração interfere na primeira, a segunda na terceira e assim por diante, podendo ocorrer as mais variadas formas de cruzamento.

No entanto, Pais (1998) argumenta que as discontinuidades intergeracionais não se mostram acentuadas se as gerações mais velhas estiverem abertas e não resistentes às mudanças. De acordo com ele, o processo de individualização teria como pontos positivos os valores de liberdade individual, auto-realização, igualdade de oportunidades e democracia, e como pontos negativos a quebra dos laços sociais, o incremento do consumo e o desenvolvimento do egoísmo. O autor defende que hoje as relações intergeracionais são mais pacíficas do que outrora e que os conflitos acontecem basicamente por motivos quotidianos e não por uma disparidade de valores. Acredito que estamos presenciando uma mudança brusca no processo de transmissão, já que pela primeira vez se assiste a uma inversão no sentido transmissional – este aspecto por si só representaria uma ruptura nunca antes vista –, o que propicia não só a imposição dos valores da cultura jovem sobre as gerações mais velhas, como torna possível a “escolha” do que seria importante receber das gerações anteriores.

As gerações mais novas, perpassadas por valores individualistas e igualitários, entendem-se como equivalentes às mais velhas e, por isso, podem conceber seus valores como tão ou mais importantes do que os delas e, assim, não aceitar qualquer tipo de sujeição ou restrição a suas expectativas. A partir do momento em que o sujeito não aceita a transmissão, ele se sente livre para escolher o que é importante ou não para si, tendo a ilusão de que poderia autofundar-se.

Szapiro (2004) ressalta a importância do atravessamento do paradigma igualitário no processo de transmissão geracional, mostrando como isso produz um “mal-estar intergeracional”. A autora afirma que os jovens estariam questionando a legitimidade e o conteúdo do que pode ser transmitido pela geração precedente. A principal questão da atualidade seria, então, que tipo de transmissão é possível numa sociedade em que as relações hierárquicas estão assumindo uma forma cada vez mais horizontal, isto é, quando as diferentes gerações passam a se tratar como iguais?

Com a rápida disseminação das informações resultante do processo de globalização, essa idéia de que se pode escolher o que deve ser transmitido é reforçada, na medida em que viabiliza a ilusão de que o saber está logo ali disponível para todos e basta ter acesso a ele para adquiri-lo. Desta forma, o indivíduo capta saberes que não necessariamente foram passados por seus ascendentes e sente-se livre para fazer suas escolhas individuais acerca do que seria relevante para ele. Essa situação é, ao mesmo tempo, uma liberação da cadeia transmissional e uma exaltação do individualismo, que pode trazer como conseqüência a desvalorização daquilo que é passado de geração em geração.

Para concluir, cabe assinalar que Dufour (2005) aponta para a existência de uma ruptura mais radical entre as gerações no momento atual e afirma que estamos diante de uma verdadeira “negação geracional”, o que significa que, por um lado, as crianças não reconhecem o discurso dos pais como válido, já que estes não mais conseguem se impor como autoridade perante elas, e,

por outro, os próprios pais não querem envelhecer e assumir uma outra posição na cadeia geracional.

## 2 Estudo de Campo

### 2.1 *Objetivos e Metodologia de pesquisa*

O objetivo principal deste estudo é analisar as transformações ocorridas no conceito de identidade paterna dos anos de 1970 até os dias atuais. Para tanto, tentamos relacionar o movimento de emancipação feminina às novas exigências em relação ao papel social do homem e apontamos algumas mudanças ocorridas nos últimos anos em relação à questão da transmissão geracional. Nossa finalidade aqui é investigar o conceito de paternidade para pares de pais e filhos (que se tornaram pais após o ano de 2000) de duas gerações distintas e observar as possíveis alterações nos significados da identidade paterna ao longo destas diferentes gerações. Acreditamos que uma comparação das práticas e valores destas duas gerações de pais é fundamental para uma melhor compreensão não apenas da existência e configuração do que vem sendo denominado o “novo” pai, como também da questão das formas de transmissão geracional na família, algo que nos parece especialmente importante nos tempos atuais de mudanças profundas e aceleradas neste sentido.

Minha proposta é de uma pesquisa qualitativa, dentro de uma abordagem psicossocial, isto é, que busca compreender o ser humano dentro de seu contexto sócio-histórico. Segundo Goldenberg (1990), os cientistas sociais

buscam compreender os valores, crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado (p. 19).

Entendemos que tanto o sujeito quanto o objeto das Ciências Humanas e Sociais não são neutros, mas, ao contrário, os sujeitos interagem a partir de suas crenças perante a vida e de seus

conhecimentos e atitudes em relação ao mundo. Tais crenças, conhecimentos e atitudes não são naturais, mas, antes, são socialmente construídos.

Para realizar esta pesquisa estamos fazendo uso de entrevistas semi-abertas e da Análise do Discurso, campo de estudos interdisciplinar, surgido no final da década de 1960 (ver Rocha-Coutinho, 1998), que reúne referências teóricas de diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia, a Sociologia e a Antropologia e enfatiza a importância do contexto histórico e situacional na perspectiva dos sujeitos.

Nossa escolha se deve ao fato de que objetivamos problematizar aquilo que parece natural e familiar, na tentativa de desvelar algumas formas de ser e agir, relações de poder, formas de dominação e resistência, entre outras coisas, que acreditamos estar presentes nos discursos dos atores por nós estudados, bem como o tipo de ideologia que estaria por trás destes discursos (ver Fairclough, 2001; Pinto, 1999). Isto porque a Análise do Discurso faz uma crítica em relação à transparência da linguagem, que costumava ser vista como um meio de comunicação neutro, não-ambíguo e impessoal, pressupondo que o significado de uma mensagem fosse evidente e, em sua transmissão e recepção, não ocorresse nenhum tipo de desvio de sentido. A Análise do Discurso vem apontar para o fato de que a linguagem reflete e reforça ideologias e é um importante instrumento de poder e de manutenção do *status quo*. Portanto, o discurso nela é visto como uma forma de ação sobre o mundo e sobre as pessoas.

Como assinala Fairclough (2001), o discurso possui três funções: identitária, que contribui para a formação das identidades sociais; relacional, que se refere às relações sociais entre pessoas; e, ideacional, que diz respeito à construção dos sistemas de conhecimento e de crenças. Deste modo, a prática social e a prática discursiva se relacionam de forma complexa, dinâmica e recíproca, o que significa que o discurso reforça e reproduz a estrutura social, ao mesmo tempo que ele próprio torna viável a transformação desta estrutura. Ou seja, o discurso é

simultaneamente produtor e produto das relações sociais advindas de grupos que detêm o poder de estabelecer quem, como e quando falar, e, ainda, ele se relaciona e se refere a outros discursos.

Assim, a mudança social se dá na medida em que práticas tradicionais e novas tendências se chocam no cenário social, e as pessoas tentam adaptar essas duas visões de forma a conciliá-las. Desta maneira, uma vez que a prática discursiva não é estática, mas, ao contrário, sofre uma constante rearticulação de seus elementos, a mudança social pode ser percebida através de um discurso híbrido, inovador e tradicional ao mesmo tempo, isto é, que mescla características antigas e atuais.

A Análise do discurso se propõe a dar uma interpretação sobre a interpretação de mundo dos atores sociais que estamos estudando. Com isso quero dizer que o analista do discurso compreende que seu olhar sobre a questão pesquisada não é o único, nem o mais verdadeiro, mas sim que ele está optando por uma leitura dentre várias outras possíveis. Ao mesmo tempo, o entrevistado, ao relatar sua vivência, apresenta uma interpretação atual, momentânea e parcial acerca da experiência vivida, pois quando nos lembramos ou opinamos sobre um assunto estamos fazendo uma releitura do fato em conjunto com os diversos discursos que nos constituem e, dependendo do contexto, atribuímos certos significados e não outros, ainda que, nem sempre, isto se dê de forma consciente.

De acordo com Rocha-Coutinho (2003), a história oral, como aquela coletada através de entrevistas abertas – do tipo que utilizamos em nosso estudo – é um importante instrumento de pesquisa, pois permite ao pesquisador investigar comportamentos, ideologias e até sentimentos do pesquisado, que, através de sua fala, articula experiências vividas e atribui significados a elas.

Por fim, acreditamos que, por tudo que foi dito acima, através de uma análise do discurso pode-se fazer algumas inferências acerca dos processos de produção de sentido que estariam em jogo na fala dos entrevistados.

## **2.2 *Grupo estudado***

Nessa pesquisa foram entrevistados três pares de pais e filhos – sendo que os filhos também eram pais – das camadas médias e moradores da cidade do Rio de Janeiro. A primeira geração foi constituída por homens que foram pais na década de 1970 e a segunda, formada por homens que foram pais a partir do ano de 2000. Os homens escolhidos eram também todos casados ou mantinham uma relação estável com a mãe de seus filhos. Além disso, para garantir a homogeneidade da amostra, utilizei a técnica da bola de neve, que consiste em pedir para que o primeiro sujeito indique um segundo sujeito para ser entrevistado e assim por diante. Desta maneira, acredito que os sujeitos indicaram pessoas que pertenciam ao seu convívio social e, portanto, estavam inseridos no mesmo grupo social e compartilhavam uma concepção de mundo semelhante.

A escolha da primeira geração de pais se deu em função do fato da década de 1970 ter representado um momento histórico, que refletiu uma necessidade e tentativas de mudança dos valores sociais, como apontou Nolasco (1995), tendo em vista as alterações no comportamento e nos relacionamentos, de modo geral, e no comportamento feminino, em particular, como apontamos anteriormente. E, por acreditarmos que essa transformação só vai se sedimentar de fato nas gerações seguintes, escolhemos os filhos desses pais para constituir a segunda geração de pais estudada nessa pesquisa.

Assim, o intervalo cronológico de aproximadamente 30 anos entre esses dois grupos de pais teve como objetivo conseguir dados sobre as possíveis mudanças no conceito de masculinidade e, mais especificamente, no de paternidade, oriundas das possíveis alterações de comportamento dos homens ao longo desse tempo, bem como observar melhor como esses dois grupos estão percebendo a transmissão intergeracional, a fim de se tentar melhor entender como

ela ocorre no momento atual, a partir do que eles acreditam que pode e deve ou não ser passado de uma geração a outra.

### **2.3 Procedimento**

Para coletar os dados utilizei como instrumento de pesquisa entrevistas semi-abertas, ou seja, entrevistas que, apesar de possuírem uma estruturação invisível, seguiam um roteiro pré-elaborado que tocava nos pontos críticos que deveriam ser abordados pelos entrevistados. Desta forma, sempre que algum desses pontos importantes não tivesse sido espontaneamente abordado por algum deles, o entrevistador formulava perguntas diretamente relacionadas a ele(s).

Cada um desses pais foi entrevistado individualmente em local e hora mais favorável para ele. Durante as entrevistas, o entrevistador não leu o roteiro e tentou levar a entrevista de forma a parecer uma conversa, deixando o entrevistado o mais a vontade possível. Aos entrevistados foi explicado o motivo da entrevista de uma forma geral e solicitado o seu consentimento. Todos foram avisados que as entrevistas seriam gravadas integralmente, mas que seus nomes ficariam em sigilo, sendo utilizados nas transcrições nomes fictícios\*.

É o seguinte o perfil dos entrevistados:

P1 – Tem 60 anos, três filhos, dois homens e uma mulher – sendo F1 o primogênito – e é casado há 35 anos. Atualmente está aposentado, mas sua formação é em engenharia.

F1 – Tem 36 anos, é casado e tem três filhos: o filho mais velho está com 3 anos de idade e é excepcional e os mais novos são gêmeos e estão com 1 ano e 9 meses. F1 é engenheiro

---

\* Os entrevistados do grupo dos pais estão representados na análise pela letra P seguida de um número que representa a ordem das entrevistas, enquanto que os do grupo dos filhos estão representados pela letra F seguida do mesmo número recebido por seu pai.

químico, mas trabalha na área de vendas, como gerente comercial em uma empresa multinacional.

P2 – Tem 63 anos, é formado em engenharia civil e trabalha há muitos anos como professor universitário. Tem apenas um filho e é casado há 36 anos.

F2 – Está com 36 anos de idade, é casado há aproximadamente três anos e tem uma filha que está com 9 meses. É formado em análise de sistemas e trabalha como auditor de sistemas para uma grande empresa de telecomunicações.

P3 - Tem 57 anos, é casado há mais de trinta anos e é pai de quatro filhos, sendo F3 o segundo. Não concluiu a faculdade de administração, que começou a cursar enquanto trabalhava na bolsa de valores, e hoje em dia tem seu próprio negócio.

F3 – É economista, trabalha na bolsa de valores, tem 32 anos e dois filhos – o mais velho tem 4 anos e o mais novo 3 – e está casado há seis anos.

Após a realização das seis entrevistas, todas foram transcritas na íntegra e os textos daí resultantes foram submetidos a uma análise de discurso. O discurso dos entrevistados foi analisado a partir de categorias de análise que foram elaboradas a posteriori, isto é, que, apesar de terem sido previamente delineadas, emergiram, na verdade, da própria fala dos entrevistados. Os aspectos semelhantes e divergentes da fala dos entrevistados foram destacados para facilitar a compreensão e análise do material coletado (ver, a esse respeito, Rocha-Coutinho, 1998b).

Foram as seguintes as categorias de análise:

A) Significado da paternidade, relacionamento com o pai e com o filho

Esta primeira categoria visa mapear os sentimentos e as percepções que o homem tem ao se tornar pai, bem como o relacionamento que manteve com seu pai e que desenvolve com seu filho. Para melhor analisar o material coletado, ela foi subdividida em três sub-categorias: significado da paternidade, relacionamento com o pai e relacionamento com o filho.

a. Significado da Paternidade

O significado da paternidade tem por finalidade retratar como o sentimento de ser pai é experimentado pelos entrevistados e as mudanças daí decorrentes na forma de agir e pensar do homem, abrangendo, ainda, como se deu o planejamento do nascimento dos filhos.

b. Relacionamento com o pai

Nesta sub-categoria, observamos o relacionamento de nossos entrevistados com a figura paterna.

c. Relacionamento com o filho

Nesta sub-categoria buscamos observar como nossos entrevistados educam ou educaram seu(s) filho(s), como participam de suas vidas e se existe algum arrependimento ou algo que desejam mudar no que diz respeito ao seu convívio com ele(s).

B) Importância da família e estruturação familiar

Nesta categoria buscamos entender melhor a importância da família e como eles acreditam que ela se estrutura nos dias de hoje.

C) Divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres

Na terceira categoria buscamos uma visão de como as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos têm sido ou estão sendo compartilhados pelo casal. Além disso, tentamos observar se os entrevistados acreditam que a divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres é resultado de uma diferença natural entre os sexos.

D) Transmissão Geracional

Nesta categoria busco analisar o que o pai pretende deixar como legado para os filhos e, ainda, o que acreditam ter sido transmitido a eles por seus pais.

E) Sociedade Contemporânea

Retrata a percepção dos sujeitos sobre a sociedade em que vivemos e os movimentos sociais que influenciam essa conformação familiar.

F) Filhos e filhas: preferências, preocupações e estereótipos

Esta última categoria visa compreender as preferências dos entrevistados sobre ser pai de meninos ou meninas, como esses pais caracterizam as atitudes e os comportamentos de ambos os sexos e o que é para eles motivo de preocupação hoje em dia.

### 3 Análise dos Dados

#### *A) Significado da paternidade, relacionamento com o pai e com o filho*

##### a) Significado da Paternidade

Todos os entrevistados descreveram a paternidade como um sentimento muito intenso desde o momento em que ficaram sabendo da gravidez de suas companheiras, como se pode observar nos depoimentos a seguir:

Foi o momento mais importante, foi fantástico, além da concepção. Você vê ali aquela forma viva, né? Eu vivia muito tudo. Eu falava pro meu pai, meu pai falava uma frase pra mim assim que eu escutei de outras pessoas também “Você não sabe o que é ser pai”. E não sei mesmo. É alguma coisa maior que amor (F1).

Ah muita alegria, muito ... a responsabilidade você começa a sentir o golpe logo quando você recebe o positivo, né, do ... exame, não é, então ali você se prepara, “nossa agora, mas depois que nasce é ... sei lá é aquele sentimento, é aquela ... lado emotivo que é um dos meus que é a continuação do ... e a paternidade têm uma coisa, em momento algum você pensa pra baixo, é só: “que beleza, nasceu tudo bem, tá tudo ótimo, vai ser feliz, vai ser amado, vai ser cheio (P3).

É uma coisa inexplicável, diferente e alucinante. É um amor interminável (F3).

As tentativas de se definir o que é ser pai variaram, desde aquelas que falam de doação e sentido para suas vidas até aquelas que mencionam as responsabilidades aí envolvidas. Quase todas, no entanto, se referem ao fato de que a paternidade envolve dar ao(s) filho(s) tudo que há de melhor:

Como diz o slogan: Ser pai é participar. Acho que ser pai é cuidar para que o filho tenha uma boa educação, que se prepare para a vida, que tenha saúde, que tenha amigos, que pratique esportes, que aprecie a natureza, que seja grato a Deus por tudo que nos é concedido, enfim, que seja feliz (P2).

Ser pai é ver que a vida tem sentido, que pra tudo você arruma uma saída e que não existem limites quando você fala do filho. Eu doaria minha vida pelos meus filhos e pela minha esposa (P3).

Sentimento paterno é tudo de melhor do teu filho. Tudo aquilo que você não conseguiu, você pretende dar para ele: educação, que ele seja um homem de caráter, correto acima de tudo (P1).

Em relação ao período que antecede a paternidade, a gravidez, os entrevistados revelaram já sentir alguma coisa diferente, ainda que não se sentissem da mesma forma que sua companheira, como podemos observar na fala de F2 abaixo:

Quando você fica sabendo que vai ser pai você já sente uma coisa diferente, começa a vir um monte de coisa na cabeça, você não sabe como é que vai ser. Mas eu acho que não dá para se sentir grávido. Eu não sei como é essa sensação, mas eu acho que não dá para se sentir grávido, porque a mulher passou por uma série de transformações no corpo, mudança hormonal, e no caso do pai é

uma coisa mais racional, assim... racional emotivo, mas não é físico.

A partir da análise das entrevistas, pudemos observar que a gravidez na geração dos pais não era planejada, visto ser ela considerada uma consequência do casamento, um caminho natural desta, como se pode ver na fala de P1 a seguir:

Só mesmo quando casei. Quando casei, já estava casado, aí sente aquela vontade de ter uma família. Aquele amor que você tinha pela moça, já passa a ser um amor mais abrangente, você monta uma casa e a casa está vazia. É um sentimento diferente.

É interessante observar que os casais mais novos, ao contrário, relataram ter planejado o nascimento dos filhos, como se pode ver nas falas de F2 e F3 abaixo, ainda que as coisas não tenham saído exatamente como planejado, como é o caso do filho mais novo de F3:

A gente começou a namorar, aí chegou uma hora que a gente achou que estava bom para morar junto, aí fomos morar junto, aí uma hora a gente achou que estava bom para casar, casamos e depois a mesma coisa. Para ter neném, a gente: “ah, eu acho que agora está bom...”. Foi mais ou menos assim mesmo (F2).

Namoramos 6 anos antes de casar, ficamos 3 anos casados sem filhos e planejamos o primeiro. O mais novo estava nos planos, iríamos ter o segundo filho, mas na opinião da minha mulher, ela queria tentar quando o J. (filho mais velho) estivesse com dois anos. Ela engravidou de novo quando o J. tinha 1 ano (F3).

Quanto às mudanças causadas pelo nascimento e criação dos filhos, os mais jovens mencionam ter uma vida social menos agitada e fazer programas em que se possa levar as crianças, entre outras coisas, enquanto que os mais velhos enfatizam mais o surgimento de novas

responsabilidades. Para ambos, contudo, elas estão ligadas à necessidade de dedicação aos filhos, que passaram a ser o centro de suas vidas:

Agora, em casa, todo mundo aqui virou caseiro agora, a gente não sai mais de casa. A gente fica aqui vendo novela, só esperando a próxima mamada. Ficamos muito mais caseiros (F2).

Então, à praia, nós é que levávamos o pessoal do prédio, para passear era a gente que levava, a gente curtiu...as pessoas falam: “a você deixou de fazer certas coisas pra ficar com as crianças”, deixei, mas foi uma opção minha não deixei dizendo puxa podia estar com pessoal no futebol ou tomando a minha cervejinha, não, o fim-de-semana eu curtia com os meninos, entendeu, mas curtia direto, e N. também sempre gostou de viajar, sempre gostou de acampar, não importava... (P3)

Porque novas responsabilidades surgem ... bem como muitas alegrias, preocupações eventuais, novas amizades em função do filho, etc. (P2).

Depois nasceu o filho, muda tudo. Se ia tomar alguma decisão, tinha que pensar se ia repercutir no filho. Nem tanto na mulher, mas no filho ... impressionante (P1).

Tu começa a viver pra eles. Pô, uma coisa que eu falava: “eu nunca vou deixar de tomar chop”, chop é, às vezes dô uma escapulida, tomo meu chope, chego um pouco mais tarde. E continua: “hoje eles são muito mais importante do que tudo, na

vida da gente, a vida da gente passa a ser eles. O que eu te falei, ele é dono da sua vida, você dá a vida por ele (F1).

F2 acrescenta, ainda, as mudanças ocorridas também em sua sensibilidade e percepção do mundo cotidiano:

essa semana foi a semana do dia das crianças. E aí é óbvio que eles liberam para todo mundo levar os filhos e fazem um monte de atividades. Eu passei a olhar muito mais as crianças, ficar me divertindo vendo a criançada fazendo um monte de coisas, e isso tem a ver com sensibilidade. Você fica mais atento a algumas coisas que você não ficava antes. Eu acho que ali eu percebi um pouco isso. Eu passei a perceber algumas coisas que antes eu olhava, achava legal, mas agora eu acho que estou vendo com uma maneira diferente. Eu ainda não sei o que é, porque o sentimento é difícil de você descrever, eu não sei, mas é muito bom, eu acho que é ela que está dando essa influência.

No que se refere ao momento ideal para ser pai, todos afirmaram que não existe idade certa, ainda que alguns até tenham arriscado uma faixa etária, entre os 25 e os 30 anos de idade. Contudo, para eles o ponto principal é encontrar uma pessoa com quem se queira formar uma família e, principalmente, ter uma certa estabilidade financeira, como se pode observar nas falas abaixo:

o momento é quando você, encontra alguém pra construir a família. E pra isso você já tem que ter uma autonomia financeira pra fazer isso, né, acho que é muito importante ter sua casa, seu canto ali, pra ficar com tua mulher e teus filhos,

acho que esse é o momento, quando você consegue uma maturidade profissional, né, ali já de ter um emprego, de achar que aquilo ali, dali já vai começar a se virar, encontrar uma pessoa, a pessoa, né, que você consiga conviver, ... aí eu acho que esse é o, esse é o momento ideal, idade não importa, tem gente começa na vida com 22, outros com 32, né, então, acho que o momento ideal é esse, atingiu, entrou no mercado de trabalho, conseguiu ter uma boa maturidade financeira, né, cara, que possa, se sustentar, e obviamente encontrar alguém (F1).

eu acho que se não tiver financeiramente estabilizado é complicado, porque tem despesas, por mais amor, carinho e cuidado que você dê para o seu filho, tem a parte financeira e se você não estiver assim, pelo menos bem estabelecido, eu acho complicado, porque aí você passa a depender de outras pessoas, aí você passa a depender do seu pai para te ajudar a criar o seu filho e aí já fica complicado e eu não acho isso legal. Eu acho legal você ter condições, você e a sua esposa terem condições de criarem o seu filho e aí eu acho que a parte financeira é importante. Não precisa ser rico. É só ter condição mínima para dar o necessário (F2).

Estabilidade, não precisa ter muito dinheiro, ter o suficiente pra não depender de avô e avó pra pagar conta ou se endividar em banco. Pra mim isso é muito importante, você levar sua vida independente, sabendo que eles estão ali pra te ajudar,

mas não precisar dessa ajuda. Não sei se é defeito ou qualidade, mas sou orgulhoso (F3)!

P2, da geração dos pais – que costumava se casar mais cedo e ter menor expectativa de vida – atenta para o fato de que *“Uma primeira paternidade entre os 25 e os 30 anos é interessante porque dará tempo para curtir bem os netos!”*

#### b) Relacionamento com o pai

Os entrevistados de ambas as gerações enfatizaram bastante o fato do pai ter sido um exemplo de caráter e postura diante da vida:

Acho que meu pai foi muito importante em minha vida pelo exemplo de dignidade, de responsabilidade, de honestidade, de valorização da educação e de não ficar reclamando das dificuldades da vida, enfrentando tudo com coragem e determinação (P2).

Ele não entendia assim bens materiais como objetivo. Ele achava que a vida era diferente. O valor do homem, não importa o que você tem e sim quem você é. Então, ele era rígido demais, você não ser ladrão, nem mentiroso, ser correto, ter que estudar e eu não pude estudar, então, ele foi muito importante nisso, na rigidez dele ... eu o perdi muito cedo, mas aquilo que ele ensinou ficou gravado. E fui criado depois pela mãe, era filho único, criado sozinho, por uma mulher que não trabalhava fora, não tinha muita experiência de vida, mas ela conseguiu me criar e continuar, com ela a gente continuou a estudar ... (P1)

tudo o que eu sou eu acho que foi espelhado no meu pai. É claro que tem a minha mãe, mas pelo fato de eu ser homem fica mais fácil eu me espelhar no meu pai. Minha mãe tem uma influência grande por eu ter convivido mais com ela, porque ela ficava em casa, meu pai trabalhava, então você convive mais com a mãe. Mas o meu pai, assim, é exemplo de caráter, de como se comportar... meu pai, você conhece, é uma pessoa tranqüila, que se dá bem com todo mundo, então eu acho que um pouquinho disso eu peguei dele também. Eu acho que é isso. Um exemplo de vida mesmo. Eu acho que pai tem que ser exemplo de vida (F2).

Meu pai é uma grande pessoa, honesta, amiga, companheira, que sempre, sempre amou os filhos ao máximo, é meu exemplo de homem, de caráter, claro, tem muitos defeitos, mas quem não tem? (F3)

num era pai herói, mas era uma pessoa de respeito, uma pessoa muito alegre, sempre muito participativo, sabe, então ... mas não precisava falar ... quando a gente fazia alguma coisa, o olhar dele (risos), sabe como é? A gente encolhia, deixa eu ficar quietinho aqui que não tá bom pra mim, ele não precisava nem falar, pelo olhar a gente ... mas os hábitos já tá ... A parte de estudos, sabe a que tá na mesa, ele vem e fala “fez o que hoje?...Aquele teste que ia ter, teve? O que que caiu? O que que não caiu?”, pelo perguntar ele já sabia se a gente tinha estudado ou não, sabe como é que é, entendeu? É, participativo em tudo, sempre levou muito a gente aonde a gente queria ir e naquele tempo todos eles

tinham carro, mas aí tinham uns pais, talvez até por ter mais idade, outros com menos, mais preguiça, isso e aquilo, então ele nos levou muito a festa, nos levou muito a uma série de... (P3).

Apenas dois entrevistados da geração dos filhos, F1 e F2, mencionaram explicitamente que queriam que seu pai fosse diferente em determinados aspectos, ainda que tenham se referido aos pontos que consideravam positivos nas atitudes e comportamentos deles:

O que eu mais admiro nele, é a personalidade dele, cara, é a personalidade forte, aquela, não muda, ele não vai mudar nunca, ele vai ser sempre assim, a maneira dele ser impositivo, diante de algumas coisas, acho que isso é bem bacana nele. O que menos admiro nele? É ele ser completamente intransigente, ele é muito intransigente, isso eu acho que é uma coisa que eu não gosto nele, não, eu mudaria nele, ser mais tolerante, né, escutar um pouco mais, fazer as coisas, não achar que ele é o dono da verdade pra tudo, isso aí com todos, comigo também, eu percebo (F1).

assim ... manteria a maior parte porque o meu relacionamento com o meu pai sempre foi muito bom. Talvez o que eu mudasse um pouquinho é que o meu pai sempre foi um pouco mais calado, eu acho que isso tem a ver um pouco com a cultura japonesa também, então talvez dialogar um pouco mais com a minha filha. Tentar dialogar. Não que o meu pai não dialogasse, mas não era uma coisa constante, mas quando a gente conversava, conversava tranquilo ... Eu acho que talvez eu mudasse isso um pouco com a ML ... um pouco mais de

diálogo, porque ajuda no aprendizado dela, isso ajuda bastante, conversar, passar umas experiências (F2).

A orientação profissional dada pelos pais foi um aspecto destacado em todas as entrevistas e que parece ter se refletido de forma positiva nos entrevistados da segunda geração. De modo geral, eles seguiram a mesma carreira de seus pais, ainda que os motivos que os tenham levado a isso possam ter sido distintos: um diz que sempre gostou da profissão do pai e o outro diz ter sido esta “escolha” uma imposição de seu pai. No único caso em que o filho não seguiu a profissão do pai – F2 –, o entrevistado optou por uma área afim, que estava em voga, e, ainda assim, afirma que seu caminho natural era ter seguido a mesma profissão de seu pai, como podemos ver na sua fala adiante:

eu trabalho no mercado financeiro, que é a área que ele trabalhava também, mas desde pequeno tenho essa admiração pelo mercado (F3).

Ele sempre falou que eu era muito bom em matemática, era muito bom em matemática, muito bom em matemática, mas eu queria fazer jornalismo, até briguei muito, que eu adoro esporte, então, eu não queria fazer educação física, queria fazer jornalismo pra escrever sobre esporte, futebol principalmente. Ah influenciou, eu era bom em matemática, porque, jornalismo não é uma profissão, eu tinha que ser médico, engenheiro ou advogado. Como meu pai era engenheiro, ele achava que engenharia era que dava a melhor visão de tudo (F1).

a minha tendência eu acho que era ser engenheiro, só que na época informática era uma coisa que estava surgindo muito forte, já existia, mas naquela época era meio moda fazer

informática, um monte de gente fazendo informática. E aí eu acabei meio atraído e fui pra essa área, mas continua sendo na área técnica. E para mim foi bom, porque a faculdade do lado de onde o meu pai dava aula, então eu ia para a faculdade com ele, pegava carona, voltava, estava sempre lá. É... e tem muita influência, com certeza (F2).

No caso dos entrevistados da geração mais velha, observamos que o pai teve influência no sentido de dar apoio aos estudos ou, até mesmo, ter feito pressão para que o filho começasse a trabalhar.

Quanto à formação profissional, foi importante seu apoio moral e sua preocupação em garantir a minha educação e a de meus irmãos e irmãs ... menos as mais velhas, porque a tradição japonesa era a de que os homens teriam que se formar para sustentar uma família, enquanto que as mulheres se casariam e seriam sustentadas pelos maridos. Ele era chacareiro e eu o ajudava na horta e na feira ou mercado, e isto ajudou em minha formação moral ... acredito que esta formação influenciou minha atuação profissional (P2).

eu comecei a trabalhar muito cedo, porque, eu já tava no Santo Inácio, aí, ficando garoto, saía, ia à festa, não sei que, levei bomba, no colégio, aí não tem segunda opção, levou bomba, então vai trabalhar pra pagar o seu, ajudar a pagar o, era uma maneira de dizer, “você vai ter que trabalhar, você não vai vagabundiar não”, porque era caríssimo o colégio, mas eu passei a estudar à noite e a trabalhar de dia, como ele era

gerente de banco, eu fui trabalhar num escritório de um amigo dele, e era da bolsa de valores, e aí eu gostei ... do trabalho, aí eu comecei como boy, passei para auxiliar, aí eu fiz curso para operador, aí fui fazer administração de empresas para complementar e tudo (P3).

Os entrevistados, de maneira geral, relatam transformações ocorridas no relacionamento com seu pai ao longo da vida, devido a seu amadurecimento pessoal:

Mas muda, porque você vai ganhando mais independência, eu acho que com o tempo você vai tendo mais respeito; eu fui tendo mais respeito pelo meu pai porque fui entendendo mais as coisas que ele fazia, foi legal. Experiência, né? Eu acho que talvez porque a gente vai ficando mais velho, a nossa cabeça vai ficando mais parecida com a dele. Pode ser (F2).

quando você é novo seu pai é o seu herói, qualquer coisa que ele faça é perfeito, mas no decorrer da vida você amadurece e começa a perceber que as pessoas têm problemas, defeitos, enfim, são de carne e osso mesmo, aí você começa a questionar algumas coisas, mas no geral se você respeitar as pessoas como elas são fica tudo mais fácil. Amo meu pai do mesmo jeito (F3).

Esses mesmos entrevistados tecem reflexões sobre a futura experiência de ser avô:

Ser pai muda e eu acho que avô também deve mudar. Aí assim, a minha relação com ele ainda é de filho para pai, só que agora eu sou um filho que também é pai e ele agora é um pai que é avô (F2).

Ele deve me olhar e falar, meu filho teve um filho, outro dia estava trocando a fralda dele, eu no caso, e hoje ele esta com 2 filhos. Isso deve mexer muito com a cabeça das pessoas (F3)

c) Relacionamento com o(s) filho(s)

No que diz respeito à educação dos filhos, nossos entrevistados, de maneira geral, acreditam que os pais têm que dar o exemplo para os filhos, como se pode observar na fala, a seguir, de F2:

Não adianta você falar para ela, “ah, guarda o sapato”, se ela vê que você não guarda o seu sapato, ela vai questionar ou falar, “pô, tem alguma coisa errada”. Mas criança se mira muito em exemplo. Não é só em falar, mas exemplo. Aí, tirei isso com o meu pai e espero passar para a ML também.

P3 aponta que tinha uma rotina de jantar junto com os filhos todos os dias. Desta forma, acredita poder acompanhar a vida deles e diminuir a ausência, causada pelo fato de passar a maior parte do tempo no trabalho:

eu sempre impus regras, de horário, senão também era ... era tipo, quando fomos para Jacarepaguá podem brincar à vontade depois que fizerem os deveres do colégio, aonde vão brincar, do que vão brincar, o que vão fazer ... não me interessa, agora, em torno de sete e meia, eu tô chegando do trabalho e nós vamos jantar e aí eu sempre fiz questão de todos na mesa ... Para jantar juntos e aí eu dizia de banho tomado e aí eles já estavam de banho tomado e já de pijaminha, entendeu (risos)...

era porque ... coisas que hoje eu vejo, meu neto, o G. às vezes me liga onze e meia da noite e o J. tá acordado vendo num sei o quê (risos), ih, sabe? Foi aqui, até pouco tempo atrás, meus filhos às sete e meia prontos, esperando. Era ali que a gente sabia como é que tava no colégio, como é que não tava, eu puxava conversa e, eles, cada um contava o seu dia ... mas sem dizer assim: “você que tem que falar!”, saía, sabe?

F1 menciona sua frustração por ficar pouco tempo com seus filhos durante a semana:

Porque eu fico muito pouco com eles. Acho assim, ..., a figura do pai e da mãe acho que é muito importante, por isso que eu falo, eu tenho uma mágoa de não ficar mais com eles, eles necessitam muito, cara, eu fico com meus filhos muito pouco, eu saio de casa às sete da manhã. Quando eu chego em casa, como eu não vejo tanto, eu acho que eu faço um pouco mais do que deveria as vontades deles. Não é do dia a dia deles algumas coisas que eu concedo, né, essa concessão, né.

P2 fala, em diferentes momentos, acerca de coisas de que se arrepende como pai no que diz respeito a dois aspectos distintos que, aparentemente, estão ligadas a uma dificuldade sua de comunicação com o filho e de mudar agora que está mais velho. Ele afirma que gostaria de conversar mais abertamente com ele e de demonstrar mais o seu amor. É interessante observar que esta dificuldade de comunicação é mencionada por seu filho em depoimento acerca dos aspectos em que gostaria que seu pai fosse diferente e que foi reproduzido antes. São os seguintes os trechos da fala de P2:

gostaria de conversar mais abertamente com meu filho, só que agora ele já tem 36 anos e acaba de se tornar pai.

Talvez eu devesse aprender a expressar mais meu sentimento de amor por ele, mas acho que uma mudança a esta altura da vida soaria falso.

F3 justifica seus possíveis erros, dizendo que a intenção dos pais é sempre a melhor, por mais que às vezes não consigam agir da maneira mais correta:

Amor pelo filho não muda. Você pode fazer tudo errado, mas sempre vai achar que esta fazendo o máximo pelos filhos.

Sobre a licença paternidade, F2 sentiu falta de não ter tido um tempo maior para passar com a filha nos seus primeiros meses de vida:

Tem um país aí, eu não sei se é a Noruega, que dá quarenta e tantas semanas para os dois, porque eles podem dividir entre eles... isso é que é uma sociedade moderna.

### ***B) Importância da família e estruturação familiar***

Todos os entrevistados, sem exceção, definiram a família como a base da sociedade, ou seja, o pilar que sustenta os valores morais e a harmonia social.

A (família) base do país, da sociedade, né e que hoje já num existe muito, já tá destruída (P1).

Família é uma instituição importantíssima em nossas vidas, incluindo não apenas o casal e seus filhos, mas também os parentes ainda vivos e os que já partiram ... para outro plano (P2).

Família é tudo. O básico de tudo. Família, eu acho que é o alicerce para a vida. Se você não tem uma família bem

estruturada, o resto vem muito mais difícil. Então assim, você saber que você tem seus pais, saber que tem os avós, mas principalmente a família mais próxima, ter seus pais próximos, eu acho que é fundamental. E saber que você pode contar com eles também é muito importante (F2).

Tudo né ... um complemento de vida né. Em termos de coluna é aonde você se .. você às vezes você até não sai da linha por causa de família e tudo (P3).

Família é a coisa mais importante na vida de uma pessoa, é o que faz você ter vontade e força pra cada dia seguir em frente em busca de seus objetivos. Quando a pessoa tem base familiar acho que está bem mais preparada para enfrentar a vida no seu dia-a-dia (F3).

Como se pode observar nas falas acima, P2 e seu filho (F2) fazem menção, inclusive, à família no seu sentido extenso, isto é aquela que abarca não só os pais como também os avós, e até mesmo os parentes, vivos e mortos (como é o caso de P2).

P3 se impressiona com o fato de algumas mulheres hoje em dia optarem por não ter filhos e, assim, não formar uma família:

Eu fico impressionado de ver pessoas solteiras, principalmente mulheres que não querem ter filhos, não sei se é uma educação dos tempos que eu recebi mas eu não consigo ver uma casa com pouca gente ... sabe eu acho que família é a coisa mais importante. Mais importante do que ter bens, sucesso profissional.

A estrutura familiar a que se referem os entrevistados é a estrutura familiar tradicional, composta do homem, da mulher e do(s) filho(s) do casal. Isso talvez seja resultado de ter tido como critério de escolha dos meus entrevistados a condição de serem casados ou coabitarem com a mãe de seus filhos. No caso dos entrevistados da geração dos pais, ela envolve, inclusive, o casamento formal, como se pode observar na fala de P3 abaixo:

Eu casei com vinte e dois. Eu com vinte seis pra vinte e sete anos já tinha três filhos. Desde muito cedo, eu saí de casa e constituí a minha família entende ... então é o único casamento, mas veio cedo. Eu sempre quis, eu sempre achei que teria muitos filhos e não veio nada de: “ah, não era pra ter vindo!”. Foi vontade nossa de ter todos os quatro.

Em relação à questão da ajuda mútua entre pais e filhos, tanto no começo da vida profissional quanto no fim da vida, pudemos observar que todos acham que a ajuda é bem-vinda, mas que o principal não é a parte financeira desse auxílio, mas sim o apoio emocional que deve ser dado pela família ao jovem e ao idoso:

A gente vai ficando velho, a gente gasta um dinheirão. Se o rapaz quando cresceu, casou, ele tem ideais na vida, então a gente procura ajudá-lo para ter o mínimo necessário na vida. Mas também os filhos geralmente ajudam os pais (P1).  
Tem, é uma troca, cara, porque a família é exatamente isso, às vezes um se dá um pouco melhor que o outro, financeiramente, e tudo, mas no final tudo é família, né, vou negar alguma coisa pro meu pai, ou negar pro meu filho, esquisito isso, sabe (F1).

F1, contudo, reclama da falta de orientação dada por seu pai no começo de sua carreira:

Meu pai nesse ponto não adiantou em nada, talvez se eu tivesse com **muita** dificuldade ele iria, ele sempre esperava eu me manifestar, né, não me manifestava, tinha meu orgulho, era orgulhoso.

Já P2 faz questão de frisar que não apenas os pais devem apoiar os filhos financeiramente, na medida do possível, como também os filhos devem ajudar os pais que precisam na velhice:

Acho que, na medida do possível, o pai deve ajudar o filho financeiramente ... Na velhice, se o pai não tem recursos próprios suficientes e o filho tem, acho normal que o filho ajude o pai. Foi o caso de nosso pai, que nos propiciou os estudos mas não formou patrimônio próprio. Todos os filhos e filhas que puderam ajudaram a mantê-lo em sua velhice.

P3 acredita que a obrigação principal do pai é dar boa formação educacional para os filhos, isto é, formá-los, mas, se puder encaminhá-los na carreira, é melhor ainda:

A obrigação de ajudar, é ... eu acho que a obrigação do pai é dar o estudo, eu acho que até se formar numa faculdade era uma obrigação minha de dar essa condição. Com relação ao emprego, com essas mudanças também de tudo, que hoje a dificuldade é enorme, quase ninguém entra direto no trabalho hoje em dia, é um estágio, ... G, ele desde de pequenininho, ele via no jantar falando de ações, isso e daquilo, ele com oito, nove anos, ele pegava o jornal e ia ver lá uns, curiosidade ou não, chegava na mesa e dizia, “Papai a bolsa subiu não sei quanto”, ele ia lendo no jornal do dia anterior, né, mas

ninguém induziu ele a isso, ele é que foi ... cresceu e começou a querer, aí ele veio e me pediu, “ah pai eu já tô querendo fazer faculdade, mas quero também trabalhar, você tá no mercado, você conhece alguém em uma corretora para eu começar?” e papapa, eu falei com um, com outro, com isso e com aquilo, arranjei pra ele, entendeu, então, não é que fosse uma obrigação, mas se você pode ajudar, eu acho que não tem porque não.

Os entrevistados, em certos pontos da entrevista, comentam as mudanças sofridas, nos últimos tempos, nos papéis do pai e da mãe na família, com a entrada da mulher no mercado de trabalho. Para eles, isso alterou a situação anterior da família, que estava ancorada nos estereótipos do homem provedor e da mulher cuidadora:

E hoje a sociedade moderna não permite, geralmente a maioria dos casais hoje modernos, o pai e a mãe trabalham. Não é a mesma formação de família que eu tive, como eu fui criado, minha mãe não trabalhava, ou trabalhava em casa, dava aula em casa, ficava o tempo todo junto em casa, e a maioria das mães. E o pai era aquela figura que fazia tudo para o sustento da casa era ele. E hoje está totalmente diferente (P1).

Então, na educação minha mãe teve uma participação maior pelo mesmo motivo que eu falei antes, quer dizer, como ela estava mais em casa, então ficava mais fácil para ela conviver com ... ensinar tabuada, essas coisas assim. Mas o meu pai sempre participou também. É aquele negócio, para a minha mãe era mais fácil porque estava mais tempo comigo, mas o

meu pai sempre teve muita disciplina, em fazer as coisas assim, eu acho que ele me orientou direitinho (F2).

P2, contudo, foge a essa dicotomia, ao falar sobre os papéis de pai e mãe de forma abrangente:

Acho que um bom pai e uma boa mãe são aqueles que se preocupam com o bem-estar dos filhos, com sua educação em todos os aspectos, que dão amor e carinho aos filhos, que punem os filhos quando necessário para educá-los para a vida. A liberdade total não existe, existem direitos e deveres, e os direitos de nossos semelhantes devem ser respeitados.

### ***C) Divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres***

Todos os entrevistados disseram acreditar que existe um instinto materno, ou algo semelhante, que se caracteriza por uma forte ligação da criança com a mãe, principalmente no começo da vida, devido à gestação e à amamentação:

Eu acho que a criança está muito ligada à mãe porque saiu de dentro da mãe. Então no início eu acho que a ligação é maior. Depois eu acho que isso vai pendendo de um lado para o outro porque aí já é convivência. Mas aí já é questão social, é igual a amigo, dentro de casa, aí tem questão de afinidade, mas no início eu acho que a criança tem afinidade maior com a mãe, até por causa da amamentação ela tem um contato mais com a mãe mesmo. No início tem isso sim (F2).

Porque é impressionante é um, não é nem instinto é um sentido, é mais um sexto sentido.” E continua: “É isso que eu digo, nem tanto, eu não tenho quase nenhum, pode ser que tenham pais que tenham infinitamente inferior a mulher.”“Não sei... não sei...não sei se é os nove meses ali num preparo totalmente...que é totalmente diferente né , não adianta, tenho certeza que é a minha emoção como pai não é mesma dela como mãe, ela curtiu muito mais, tá dentro dela, tá crescendo dela, tá...eu não tenho a menor dúvida disso (P3).

É meio inexplicável, mas a mãe percebe coisas que acontecem que não passa pela cabeça dos pais, é difícil definir ... (F3).

F1 transporta esse instinto materno para o mundo do trabalho:

Eu acho que uma menina nessa hora é mais frágil, eu acho que a mulher ela não é mais frágil por fragilidade física nem mental, mas ela é mais sentimental, eu percebo isso a mulher adota mais, a supervisora tem trinta e sete vendedores embaixo, ela é mais mãe em tudo ... pesa, acho que isso pesa bastante na sociedade.

Alguns entrevistados mencionam algo como um instinto paterno, que é descrito como um instinto de proteção da prole e da família como um todo:

eu sou muito preocupado com eles, eu tenho esse instinto de super proteger as crianças, tudo, a família, fico ali em cima de tudo tentando organizar, a P. também me deixa um pouco isso, pra mim, assim de proteger, e acabo fazendo isso, e têm o instinto, essa ligação, o olhar, é incrível, eu posso estar

estressado, puto da vida, eu quero matar um, assim, eu volto do trabalho, chateado, e eu olho para aqueles três, sempre têm um me recebendo, ou um, ou dois, ou três, é fantástico, e eu acho que acabou, sério, assim, parece que você botou uma linha, daqui pra cá ficou, aquele sorriso, aquela brincadeira, esse é o instinto, você chega olha, o teu filho te reconhece, desde pequeno é assim, desde de pequeno você percebe isso, ele pode não reconhecer o ... mas o pai e mãe ele reconhece, a mãe primeiro e depois o pai, o pai depois é igual, começa a caminhar junto ... (F1).

eu acho que é diferente porque a gente não tem esse contato íntimo, mas eu acho que tem sim, o instinto de proteger. Eu vejo isso desde o primeiro dia lá na maternidade, que qualquer barulhinho que ela faz, fazia, a gente acordava. Não só a F. acordava, eu acordava também. Eu acho que isso tem a ver com o instinto paterno, o instinto de proteção, porque a gente sabe que o bebê é muito frágil (F2).

A gente começa a perceber mais os perigos das coisas acho, mas acho que é instinto mesmo, acho que continuo pensando da mesma forma, mas sou mais cauteloso com as coisas (F3).

No que diz respeito à divisão de tarefas e responsabilidades, podemos observar que, para a geração dos pais, ela era muito bem delimitada, tendo em vista que suas esposas não trabalhavam – muitas vezes até devido a um pedido do marido, como aponta P1, e não por falta de instrução – e, assim, ficavam em casa assumindo a responsabilidade por tudo o que acontecia

no espaço privado, enquanto o homem ia trabalhar, já que se sentia na obrigação de sustentar sua família:

Ela fez economia. Eu não queria, eu queria ter uma família, que é minha obrigação sustentar, e foi assim, eu pedi para ela não trabalhar. Mas deu para sobreviver. Hoje é diferente. A maioria dos casais que eu conheço os dois trabalham, mas eu não me arrependo de ter feito isso não ... (P1).

Na época dele, de crescimento e tal, e até hoje, eu saía cedo de casa para o trabalho e voltava à noite ... minha mulher não trabalhava fora de casa, então assumia todas as tarefas em relação a nosso filho. Eu ajudava a dar colo e a mamadeira, quando estava em casa. Nos finais de semana, nós o levávamos para passear juntos (P2).

A idéia do pai como coadjuvante nos cuidados com o filho aparece nas falas de P1 e P3, representantes da geração dos pais. De acordo com P1:

O pai é um coadjuvante, participando ou não. Mas tem que procurar ser bom e dar toda condição para ela ser mãe. É isso o que eu te falei, é a função do pai. Dar toda a condição para ela ser mãe. Isso eu acho que é a maior função do pai. O carinho, amor, incentivar a companheira dele a ser mãe. Fazer com que ela tenha orgulho de ser mãe, isso é a função do pai. Isso é função da mulher, principal, porque quem cuida de um filho é a mãe.

Continuando seu pensamento, o mesmo entrevistado relata como essa situação se modifica com o amadurecimento dos filhos, quando o pai se torna um amigo, especialmente para os filhos homens, alguém com quem eles podem contar para tudo:

O pai era um coadjuvante ... no meu tempo ... numa fase da idade. Aí depois, ele vai vendo a figura importante do pai, principalmente o filho homem, torna-se um amigo, uma âncora, com quem ele podia contar, entendeu?

P3 afirma que dividia os afazeres domésticos, mas, a seguir, situa também o pai como coadjuvante na criação dos filhos pequenos:

Até ir pro c.a., que é curso de alfabetização, acho que devia ser com os seus quatro anos, então não adianta, que nesse período a mãe tá vinte, das vinte e quatro horas grudada, acompanhando. Por ser casal novo, normalmente não se têm empregada, babá, essas coisa só para milionários e ela mãe que ficou muito mais em cima, entendeu, nesse período, nesse início eu acho que a gente é mais até...o pai curte mais como um bonequinho ...(risos), entendeu? Pega um pouquinho antes de dormir brinca, não sei quê bota pra dormir não tá lá trocando fralda, não tá lá ... enfim ... entendeu ...

No caso da geração dos filhos, em que duas das esposas trabalham fora e apenas uma não está trabalhando no momento, observamos a constante presença das avós maternas como cuidadoras dos netos. Para essa geração, a divisão das tarefas domésticas e responsabilidades com os filhos seria naturalmente dividida. Contudo, quando analisamos melhor as situações, podemos observar que a mulher continua a atuar como a principal figura na realização desse trabalho, como fica explícito na fala de F1:

a própria P. acho que ela toma mais a frente disso, ela vai pelo instinto, é meio instintivo né, ela vai e troca, quando ela fala assim, “a amor troca ele lá pra mim pelo amor de Deus”, aí eu vou lá e troco... a P. normalmente dá... banho neles, essa parte mecânica toda, de trocar, de higiene e tudo a P., cuida, se encarrega acho que 98% das vezes, ela se encarrega.

#### ***D) Transmissão Geracional***

Nos relatos dos entrevistados observamos que uma de suas maiores preocupações é transmitir para os filhos valores morais, integridade e educação formal, aquilo que foi recebido de seus pais:

se eu tenho alguma coisa que ele me marcou foi de deixar essa retidão e esse, a educação tá acima de tudo, foi isso aí, um recado que realmente marcou. Se eu tivesse que dizer alguma coisa eu diria isto, que ele sempre foi muito preocupado com a educação, de nos passar modos, porque não adianta, ou você aprende de pequenininho ou não vai ser maior porque aí já tem os vícios e você se esquece (P3).

Eu procurei dar para ele e para os outros dois foi educação sempre correta, sendo correta, justa o máximo possível e educação, eu dando isso para ele, ele seria alguém na vida, eu tinha plena certeza. Tanto educação de casa quanto educação na escola. Eu sabia que ele sendo correto e com educação, tanto de casa, estudando, seria feliz na vida. Foi tudo isso o que eu procurei dar para ele (P1).

o que ele me deixou de mais profundo foi a formação de caráter, se procurar ser justo, ser bom, justo, sem ser bonzinho, sem ser mauzinho. Eu acho isso importante, mas não vejo muita gente com essa preocupação. Eu acho que ele nunca se preocupou de eu ser um cara bem sucedido de dinheiro, sempre se preocupou de eu ser correto: “faça isso, faça aquilo, que você vai chegar em algum lugar. Se não chegar, pelo menos vai ter a cabeça boa para deitar no travesseiro à noite e dormir (F1).

Como já coloquei, procurei passar os conceitos de honestidade, responsabilidade, amizade, educação, o gosto pelo esporte, respeito ao semelhante e à natureza, tolerância, principalmente pelo meu exemplo ... Aprendi (com meu pai a) ser honesto, respeitar as outras pessoas, respeitar as leis, trabalhar com dedicação ... ser humilde, valorizar o estudo (P2).

P3, que estudou no mesmo colégio em que seu pai cursou o primário, fez questão de colocar os filhos na mesma escola:

É o que a gente ia deixar, é o que eu sentia do meu pai e isso foi uma das coisas que eu fiz questão de tentar deixar pros meninos todos, é isso, uma base não só de casa, de educação familiar, mas de instrução, cultura ... bastante dessa educação que eu dei aos meninos eu ... é que eu aprendi, não têm como não dizer: “pôxa a tua educação é totalmente diferente da que seu pai te deu”.

Além disso, os entrevistados percebem características comuns na sua personalidade e na de seus pais:

Acho que tenho um pouco do mesmo temperamento, não tenho o hábito de elogiar, mas o de chamar a atenção quando erros são cometidos (F1).

Sempre tem alguma coisa de parecido em cada filho ... sou meio metódico e acho que puxei isso dele (F3).

### ***E) Sociedade Contemporânea***

Nossos entrevistados se referiram à sociedade em que vivemos como um período de mudanças, tanto para pior – no sentido de que houve um grande aumento no índice de violência, da falta de educação e da liberdade individual – quanto para melhor – tendo em vista que se tem mais acesso à informação e mais diálogo com os filhos.

Eu acho que mudou e hoje você tem mais liberdade de informações, né, naquela época era tudo muito restrito, você não pode falar, não pode falar, mas, hoje você tem acesso a tudo e qualquer coisa, né, a sexo, a tudo, né, acho que essa parte que vai ser mais fácil, né, de, de conversar e criar, né, e ele tá vendo, vai te perguntar, e tu vai ter que responder, não tem jeito, não vai falar mais que a cegonha trouxe o neném, não dá, ele não se engana com isso, né, e sobre, de maneira geral, sobre tudo, né, corrupção, política, violência, tudo que tá muito a mostra, acho que isso mudou e saber lidar com isso, meu pai não saberia lidar com isso, com certeza, ele teria

dificuldade, as perguntas dos “porquês”, né. Esse acesso à informação, acho que a televisão é muito intensa, a Internet, né, a Internet é só um meio, é só um veículo, né, mas acho que essa quantidade de informação despejada pra todo mundo, o tempo todo, pára de esconder as coisas, acho que isso é muito importante (F1).

Valores e educação mudou, mudou muito pra pior, ... entendeu tanto que as coisas normais hoje são adjetivos, qualificativos, quer elogiar alguém: “fulano é honesto”, ser honesto (risos) é uma obrigação da pessoa, não é qualidade, você entendeu? É o mínimo, então é por aí vai, você entendeu, infelizmente ... aí se você for pensar na corrupção que domina então ... (P3).

P2 resume muito claramente esses dois contrapontos da sociedade contemporânea:

Hoje, com os meios de comunicação mais avançados toda a sociedade está mudando e cada vez mais existe o diálogo entre pais e filhos ... Algumas mudanças ocorreram porque novas preocupações surgiram, como as drogas, as doenças sexualmente transmissíveis como a AIDS, a excessiva liberdade dada aos jovens por alguns pais, a divulgação de conteúdos inadequados pela televisão ou pela internet, coisas desse tipo.

Outra questão interessante mencionada aqui por nossos entrevistados diz respeito às conseqüências da ausência materna de casa, o que, segundo eles, afetaria negativamente a criação dos filhos e a sociedade, como um todo:

Tem mulheres que eu conheço, o marido ganha bem para burro, não tinha a menor necessidade dela trabalhar. Hoje ela vai trabalhar e o salário dela não dá para cobrir a babá, empregada e os gastos, porque ela não está em casa olhando os filhos. É mais caro ela pagar essas pessoas do que ... Não é por necessidade é porque a mulher não quer ser dona de casa. É uma vergonha ela ser dona de casa. Antigamente talvez fosse um orgulho (P1).

isso na sociedade de hoje mudou muito, né, a gente tinha a figura da mãe em casa muito mais presente e, talvez o pai muito menos, que a sociedade é muito mais machista, isso faz grande diferença, na formação (F1).

São valores, no fundo os valores mudaram, valores éticos, de consciência, de família, hoje em dia ... .. você não pergunta mais nem qual o casamento que a pessoa já tá, é um casa e descasa com uma facilidade, com uma, por quê? Foi assim que aprendeu, foi assim que conviveu, a mãe já é casada com dois, com três, o pai com não sei o que, ela já não vê há não sei quanto tempo, entendeu? O que que essa pessoa também vai transmitir pro filho? Casou, tá com o cara há um ano, tá com um filho e já tá separada, entendeu é difícil ... (P3).

F3 tem uma opinião bem parecida com a que foi expressada por seu pai, acima:

acho que o conceito de família mudou muito. Hoje casa-se e descasa-se como se **troca de roupa** ... A quantidade de filhos

de pais solteiros é infinitamente maior, o que acaba se tornando normal na cabeça das pessoas que isso aconteça.

Porém, a influência dos meios de comunicação, como a televisão e a internet, também foi ressaltada pelos entrevistados em seu aspecto negativo:

E de diferente da época do meu pai é que eu garoto com cinco anos ... quatro pra cinco anos, aí é que começou a televisão, não existia televisão, os valores se modificaram muito rapidamente isso eu acho que aconteceu ... valor de família, valor de educação na rua, é como dizem a lei de Gerson: todo mundo quer levar vantagem em tudo (P3).

A mídia influencia muito, acho. Eu não ouvia palavrão, nem via mulher pelada quando era pequeno (F3).

É interessante assinalar aqui que nenhum dos homens entrevistados, quando se perguntou que possíveis movimentos sociais eles acreditam que podem ter influenciado as mudanças na sociedade, associou essas alterações ao Movimento Feminista.

#### ***F) Filhos e filhas: preferências, preocupações e estereótipos***

Quando perguntados sobre a preferência por ter um filho homem ou uma filha mulher, as opiniões de nossos entrevistados ficaram divididas. P1, P3 e F3 disseram que preferiam que o primeiro filho fosse homem. De acordo com P3:

Vou negar, seria mentiroso se não dissesse que queria um menino, entendeu, aí eu acho que tá no homem, porque você já projeta, assim ele vai crescer nós vamos pra isso, vamos pro jogo, eu vou jogar futebol com ele, nós vamos não sei aonde,

nós vamos não sei que lá, que com a menina e depois que nasce a festa é a mesma, mas a menina você não se põe, de a eu vou ficar com ela brincando de casinha e brincando de bonequinha com ela, entendeu, você não projeta isso, então seria mentira minha se eu não dissesse isso.

F3, que é pai de dois meninos, afirma:

O primeiro gostaria que tivesse sido homem, deu certo. O segundo não, qualquer um. O terceiro, se formos ter, já quero menina, pelas circunstâncias.

E explica:

Coisa de homem acho, sei lá ... já tinha o nome na cabeça e tudo.

Para F1 e P2 o sexo da criança era indiferente. Por outro lado, F2 afirma que queria ter uma filha:

Eu queria menina ... Eu não sei... boa pergunta essa. Me pegou. Eu não sei... acho que ser uma menina é mais carinhosa. Eu não sei, porque eu acho que foi isso que me veio à mente na época, mas eu queria menina. Diferente de todo homem, normalmente quer filho. Os meus amigos todos foram assim, todos eles queriam homem. Eu acho que só teve um que queria menina, mas eu queria menina mesmo, eu não sei dizer exatamente porque não.

Em relação às preocupações, os pais relatam que se preocupam muito com a questão das drogas, da violência e das más companhias no futuro, mas quando os filhos são pequenos, sua maior preocupação fica voltada para a questão da saúde:

Saúde, é claro, mas convivência com outras pessoas, quem vão ser os amigos dela, com quem ela vai conviver, porque assim, eu acho que eu puxei isso muito da preocupação dos meus pais. Os meus pais sempre falavam assim: “a gente confia em você. O problema são os amigos. Não que a gente desconfie deles, mas como a gente não conhece...”, eu acho que a minha preocupação é isso. Porque eu sei lá, hoje em dia o mundo parece que está tão louco ... então a minha preocupação é isso, fora de casa ... quando ela estiver fora de casa como é que vai ser (F2).

Presente que eles, que sejam saudáveis, não ter nenhuma doença, não sofrer nenhum acidente que possa sofrer, lá no colégio e tudo, eu tenho muita preocupação com a integridade física deles, ficar doente, muita virose, meningite, né, ... E no futuro, cara, ... ..., no futuro acho que é eles serem boas pessoas e com drogas, cara. Serem boas pessoas, ter uma formação boa, de caráter pessoal, né (F1).

Com certeza, mas acho que quando são mais velhos a menina causa mais preocupação ... noitada essas coisas (F3).

Por último, apareceram no discurso de alguns entrevistados antigos estereótipos referentes ao comportamento de homens e mulheres, caracterizando a mulher como frágil, doce e emotiva e o homem, seu oposto, como bagunceiro e agitado:

Eu, então, que tenho duas meninas e dois meninos dá pra notar a brincadeira é outra, o modo de brincar é outro, entendeu, o garoto quer logo uma bola, quer um carrinho para descer aonde

puder, o garoto “zoneia”, a menina quer aquele cantinho, uma bonequinha, a casinha da bonequinha, é outra, outra brincadeira, é totalmente diferente ... a gente vê que o menino é mais elétrico, é mais sabe, a menina é mais calminha (P3).

Acho que deve haver alguma diferença natural pelo fato de que meninos e meninas têm características diferentes, que solicitarão os pais diferentemente ao longo de seu crescimento. Tudo muito naturalmente (P2).

O comportamento do homem e da mulher é diferente, então o seu tratamento com o filho ou com a filha eu acho que acaba sendo diferente por esse mesmo motivo. Porque o homem tem um comportamento diferente do comportamento da mulher. Naturalmente. Então, eu acho que seria diferente nesse sentido, não em termos de sentimento, ou de gostar mais de um ou de outro (F2).

Logo a seguir, F2 se contradiz e afirma:

Porque você pode ter um homem que é mais retraído ou um homem que é mais expansivo, ou uma menina que é mais retraída ou uma menina que é mais expansiva, ou então um que te ouve mais ou um que te ouve menos. Não tem muito a ver com ser homem ou ser mulher. De maneira geral, menina é um pouco mais tranqüila do que menino. A criançada, os garotos são alucinados.

## **Conclusão**

A figura materna tem sido conhecida por seu amor incondicional pelos filhos, porém, para os nossos entrevistados, também os pais são dotados de um sentimento de imenso amor pelos filhos, ainda que mais voltado para um instinto de proteção da prole. Contudo, enquanto a mãe é considerada a principal cuidadora e educadora das crianças, segundo nossos entrevistados, ao pai, além do provimento financeiro e da proteção de sua família, é delegado o papel desagradável de ser aquele que cobra os resultados dessa educação, para que eles sejam alguém na vida. Assim, apesar de não ser ele quem estuda com os filhos, porque não tem tempo, é ele quem cobra boas notas na escola e também quem intervém quando a mãe não consegue impor limites.

Apesar do pai não ser o responsável pelos cuidados diários com o(s) filho(s), a ele cabe propiciar o lazer, brincar com ele(s), fazer bagunça e passear. Cabe assinalar aqui, ainda em relação à paternidade, que não houve muita diferença entre como os pais se vêem e a imagem que seus filhos, que foram por nós entrevistados, fazem deles.

A família é vista por todos os entrevistados como uma instituição importantíssima para a conformação das pessoas e a manutenção da harmonia social. Por isso, aparecem algumas falas que articulam a desagregação familiar à deterioração da sociedade atual.

Pudemos observar também que a paternidade, para nossos entrevistados, está ligada ao casamento, mesmo que esta relação não seja oficializada. Isto porque é importante para eles que haja alguma convivência diária entre ambos os pais e os filhos.

Como observado em pesquisa realizada por Nolasco (1995), os homens por nós entrevistados também não perceberam o Movimento Feminista como um fator modificador da sociedade, visto que, quando lhes foi perguntado sobre algum movimento social que pudesse ter contribuído para as mudanças ocorridas nos comportamentos sociais nos últimos anos, elas logo

foram associadas ao poder dos meios de comunicação, como a televisão e a internet, e, em nenhum momento, foi citado o Feminismo. Contudo, a entrada da mulher no mercado de trabalho foi percebida como algo que afetou – segundo muitos deles, negativamente – a criação dos filhos e o funcionamento da família.

Quanto à transmissão geracional, pudemos perceber a preocupação dos pais com a instrução formal e a formação moral dos filhos. Além disso, podemos dizer que, apesar dos meios de comunicação terem hoje, segundo nossos entrevistados, grande poder de divulgação de novos valores e comportamentos, não parece que eles tenham tido muita influência em sua formação, inclusive na do grupo de filhos, que são ainda jovens. Marcas do legado dos pais em suas atitudes e comportamentos, contudo, podem ser muito sentidas, a ponto, inclusive, de alguns reconhecerem semelhanças de personalidade entre eles e seus pais.

Infelizmente, os filhos do grupo de filhos, ainda são muito pequenos e, assim, não se pode observar como se dá a transmissão geracional neste caso, nem tampouco perceber se há ou não grande influência dos meios de comunicação em sua formação.

Acredito que a questão do Novo Homem pode ser percebida no discurso dos entrevistados, principalmente no daqueles da geração mais nova, no que diz respeito à ênfase dada ao diálogo com os filhos e ao aumento da participação dos pais nas questões familiares. Em suma, o que se pode observar nessas duas gerações de pai, além da importância com a educação e a formação do caráter, é o sentimento de amor e companheirismo passado de pai para filho.

Para concluir, podemos dizer que todos os entrevistados foram criados por suas respectivas mães, que não trabalhavam fora, mas, antes, ficavam dentro de casa cuidando dos filhos e dos afazeres domésticos. Contudo, no grupo dos filhos, a maioria das mulheres trabalha fora de casa. A pergunta que surge hoje, então, é: Como será esta nova geração de filhos que não teve a presença materna constante em casa e, por vezes, não teve nem ao menos a presença

constante de seus pais em seu cotidiano , uma vez que, como aponta P3, seu outro filho, apesar de ser pai, não é uma figura presente na vida da filha, visto que não é casado nem vive junto com a mãe da criança, situação esta cada vez mais freqüente nos dias de hoje. Será que este pai também será percebido pela filha como um exemplo de caráter, de pessoa digna e correta, que inspira os filhos a serem iguais a ele, como acontece com nossos entrevistados?

Estas são algumas das perguntas que surgem do nosso estudo e que, a nosso ver, necessitam ser trabalhadas em uma próxima pesquisa, mais abrangente, sobre as novas formas de família cariocas contemporâneas.

## Referências Bibliográficas

- ARILHA, M.; RIDENTI, S. & MEDRADO, B. (orgs) (1998). *Homens e masculinidade : outras palavras*. São Paulo: Ecos/ Editora 34.
- ATTIAS-DONFUT, C. (2004) Sexo e envelhecimento. In C. H. PEIXOTO (org). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- BADINTER, E. (1993) *XY sobre a identidade masculina*. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BARROS, M. M. L. (2004) Velhice na contemporaneidade. In C. H. PEIXOTO (org). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- (2003) *Reciprocidade e fluxos culturais entre gerações*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional Co-Educação de Gerações. Sesc São Paulo.
- BOURDIEU, P. Introdução. In D. LINS (org) (1998). *A dominação masculina revisitada*. Tradução Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus.
- CARVALHO, M. L. M. (2003) Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: dificuldades institucionais e motivações dos casais. *Cad. Saúde Pública*, 19 (2): 389-398.
- COSTA, J. F. (1989) *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- COSTA, R. G. (2002) Reprodução e Gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Rev. Estud. Fem.*, Jul/dic, 10 (2): 339-356.
- DUFOUR, D.-R. (2005) *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Tradução Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- ENGELS, F. (1977) *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- FAIRCLOUGH, N. (2001) *Discurso e mudança social*. Tradução Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- FERREIRA, V. S. (1998) Atitudes perante a sociedade. In *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Instituto de Ciências Sociais; Lisboa: Secretaria de Estado da Juventude.
- FONSECA, C. (2004) A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. *Rev. Estud. Fem.*, Maio/Ago, 12 (2): 13-34.
- FOUCAULT, M. (1982) The subject and power. In H. L. Dreyfus & R. Rabinow. Michel Foucault: *Beyond structuralism and hermeneutics*. Chicago, USA: The University of Chicago Press, pp. 208-26.
- GIDDENS, A. (2003) *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record.
- GOLDENBERG, M. (1999) *A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*, 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, .
- GOMES, A. J. S. & RESENDE, V. R. (2004) O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Maio/Ago, 20 (2): 119-125.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA LAUROUSSE CULTURAL (1998) Vol. 18. São Paulo: Editora Nova Cultural.
- HALL, S. (2002) *Identidades culturais na Pós-modernidade*. Tradução Tomaz & Guacira. 7ª edição. Rio de Janeiro: DP & A Editora.
- HENNIGEN, I. & GUARESCHI, N. M. F. (2002) A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais. *Psicol. Soc.*, Jan/Jun, 14 (1): 44-68.
- JABLONSKI, B. (1991) *Até que a vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Ed. Agir.

- KIMMEL, M. S. (1989) *Changing Men: New Directions in Research on Men and Masculinity*. Londres: Sage Publications.
- LEBRUN, J. (2004) *Um mundo sem limite: Ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud Editora.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1972) A família. In H. L. SHAPIRO (org). *Homem, cultura e sociedade*. 2ª edição Rio Lisboa: Fundo de Cultura.
- LIPOVETSKI, G. (2000) *A terceira mulher: Permanência e revolução do feminino*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras.
- MANHEIM, Karl. (1982) A questão das gerações. In M. M. FORACCHI (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática.
- MINAYO, M. C. S. (2004) *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8ª edição. São Paulo: Editora Hucitec.
- NOLASCO, S. (1995) *O mito da masculinidade*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- PAIS, J. M. (1998) Introdução. In *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea*. Instituto de Ciências Sociais, Lisboa: Secretaria de Estado da Juventude.
- PINTO, M. J. (1999) *Comunicação e discurso: Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Hacker Editores.
- REVISTA VIDA Jornal do Brasil: Especial Homens. Ano 1 Nº 35 de 7 de Agosto de 2004.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. (1994) *Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- (1998a) De Cinderela a Mulher Maravilha: A maternidade em tempos de mudança. *Documenta Nº 9*.

----- (1998b) A análise do discurso em psicologia: Algumas questões, problemas e limites. In L. SOUZA; M. F. QUINTAL DE FREITAS; & M. M. P. RODRIGUES (orgs.). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

----- Divididas e multiplicadas: A maternidade para mulheres executivas cariocas. In M. I. D'AVILA NETO & R. M. L. R. PEDRO (org.) (2003) *Tecendo o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Mauad Editora.

SZAPIRO, A. M. (2003) O indivíduo fora da cidade: questões à transmissão na sociedade contemporânea. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*. Rio de Janeiro: UERJ, ano 3 n. 1, 1º semestre.

TEYKAL, C. M. & ROCHA-COUTINHO, M. L. (2004) *A visão do homem sobre a inserção da mulher burguesa no mercado de trabalho*. CD Rom Anais da VII Jornada de pesquisadores do CFCH/ II Jornada de Extensão/ II Semana de Integração de Cursos.

UNBEHAUN, S. (2001) Paternidades e Masculinidades em contextos diversos. *Rev. Estud. Fem.*, 9 (2): 632-633.

VAITSMAN, J. (1994) *Flexíveis e Plurais: Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.

WELZER-LANG, D. (2001) A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estud. Fem.*, 9 (2): 460-482.

## Anexos

### Roteiro de Entrevista

- **Família**

1. O que significa família para você?
2. De quem foi a idéia de ter um filho, sua ou dela? Por quê?
3. A gravidez foi planejada por vocês? Você acompanhou sua mulher ao médico durante o pré-natal? E o nascimento, você assistiu? Você se sentiu grávido?
4. Em algum momento você teve ciúme/inveja da gravidez de sua mulher? Por quê?
5. Como você lidou com as mudanças no corpo de sua mulher? Você acompanhou o crescimento do bebê durante a gravidez?
6. Você acredita em instinto materno? E instinto paterno?
7. Você acredita que a ligação da criança com o pai é diferente da relação com a mãe? Por quê? Em que sentido?
8. Você alguma vez sente/sentiu ciúme da relação de seu filho/a com a mãe? Por quê?
9. Você gostaria que a relação com seu filho/a fosse diferente? Em que sentido?
10. Tem coisas que você não faz, mas gostaria de fazer? O quê, por exemplo?
11. Que tipo de tarefas você compartilha com sua esposa em relação aos cuidados com o filho?

- **Relacionamento com seu próprio pai**

12. Qual a importância de seu pai na sua vida?
13. Como era/é o seu relacionamento com ele? O relacionamento mudou ao longo do tempo? Em que sentido?

14. A sua relação com seu pai mudou depois que você teve filho? Em que sentido? Por quê?
15. Qual a influência dele na sua vida? Na sua formação profissional? Em que aspectos ele te influenciou? Como? Por que você acha isso?
16. O que você aprendeu com seu pai? O que você aprendeu com ele que gostaria de passar para o seu filho? Por quê?
17. Ele participava da sua educação? Como?
18. Quanto à educação que recebeu de seu pai e que você passou para seu filho, o que há de semelhante e diferente? Por quê?
19. Seu pai te dava dinheiro? Te levava para passear? Estudava com você?
20. Existe alguma atividade que vocês pratiquem juntos hoje? O que?
21. O que você gostaria de compartilhar mais com seu pai hoje? E quando você era pequeno? Por quê?
22. Você acha que o pai tem que ajudar financeiramente seu(s) filho(s) no começo da vida? Em que sentido? E na velhice, você acha que o filho deve ajudar o pai? Em que sentido?
23. Você percebe algum tipo de atitude que seja semelhante entre você e seu pai? E o que seria diferente?
24. Existe alguma coisa que você queria que fosse diferente no seu pai?
25. O que você mais gosta/admira e o que você menos gosta/admira em seu pai? Por quê?

- **Paternidade e convívio com os filhos**

26. Existe um momento ideal para ser pai? Qual seria?
27. O que significou para você ter um filho? O que a paternidade representou na sua vida?
28. O que mudou na sua vida? Você sentiu algum tipo de modificação nas suas atitudes e formas de pensar depois que se tornou pai?

29. Quando você ficou sabendo da gravidez, você tinha alguma preferência de que fosse menino ou menina? Por quê?
30. Você acha que existe alguma diferença para o homem entre ser pai de um menino e de uma menina? Qual?
31. Que tipo de punição você usa com ele/ ela? Que tipo de punição você gostaria de usar? Por quê?
32. Você pensava em ser pai quando criança? Por quê?
33. Quais são suas maiores preocupações com relação ao futuro de seu filho? E com relação ao presente? Por quê?
34. Você acha que o conceito de paternidade mudou da geração de seu pai para quando você foi pai? Como? Por quê?
35. Você percebe algum tipo de movimento social que possa ter influenciado ou causado mudanças na paternidade? Qual? Por quê?
36. Que tipo de ensinamento você deseja passar para seu(s) filho(s)? Por quê?
37. Existe algum tipo de atitude que você gostaria de ter para com seu filho ou algo que gostaria de fazer por ele e não tem/faz? Qual?
38. O que é ser pai para você? Qual a função de um pai? Por quê?
39. O que você considera ser um bom pai? E uma boa mãe? Por quê?